

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM COMUNICAÇÃO E CULTURA DA ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



www.pos.eco.ufrj.br

50 anos do PPGCOM/UFRJ: histórias e memórias

ÍNDICE

4	ANDRÉA FRANÇA
6	ANNA BENTES
9	FERNANDA MARTINELLI
11	IVANA BENTES
16	JANICE CAIAFA
17	JOSÉ MESSIAS
18	LEONARDO SOARES DA SILVA
21	MARIA HELENA WEBER
25	MICAEL HERSCHMANN
27	PABLO LAIGNIER
28	RAQUEL PAIVA
30	SIMONE PEREIRA DE SÁ
32	THIAGO COUTO
33	VICTA DE CARVALHO
35	ZILDA MARTINS
39	MESA DE ABERTURA - 50 ANOS DO PPGCOM/UFRJ
46	SYMPOSIUM _EM NOME DO FUNDADOR - A MEMÓRIA DE EMMANUEL CARNEIRO LEÃO
52	MEMÓRIA, IMAGEM E CELEBRAÇÃO



Foto: Ivana Bentes

Memórias soltas. Imagens

Andréa França¹

Foi na Escola de Comunicação da UFRJ, a ECO, durante os anos de mestrado e doutorado, que aprendi a pensar. Sim, pensar. Debater um texto acadêmico, analisar e discutir um filme, fazer relações inauditas entre coisas distantes ou díspares, perceber que o mundo que chamamos de real é, na verdade, fruto de toda uma disposição do perceptível, do dizível, do pensável. Memórias soltas. Imagens.

Ieda Tucherman precipitando sentidos imprevistos ao proferir uma aula sobre *As palavras e as Coisas*, de Foucault. Maria Helena Junqueira acolhendo, com seus cabelos loiros compridos e o sorriso largo, os estudantes da pós em volta de uma mesa retangular para discutir *A origem da Obra de Arte*, de Heidegger. Nízia Villaça sugerindo que eu apresentasse, durante seu curso, o primeiro capítulo do livro de Bergson, *Matéria e Memória*. Pedido que me causa temor e

maravilhamento. Apresentar Bergson? Como assim, a memória está nas coisas? Um cone da memória percorre o plano do presente? Deleuze foi a Bergson para escrever os dois livros de cinema, ela responde, vestida com sua jaqueta de couro, óculos masculinos e o cabelo curto andrógino. Aceito. Relutante. Nessa mesma época, sonhei que Deleuze se hospedava na casa dos meus pais, em Copacabana, para dar algumas palestras no Rio de Janeiro. No sonho, eu acordava de manhã e encontrava o filósofo à mesa do café lendo entretido o Jornal do Brasil. Ou teria sido Federico Fellini? Memórias soltas. Imagens.

Anotação: "O filme é um objeto transicional, uma obra aberta (diferentemente do que pensava Metz). O espectador constrói o filme no espaço potencial. Há pessoas que criam planos que não existem"

Ieda, Maria Helena e Nízia. Mulheres danadas. Para a banca de mestrado, convido outra feiticeira, Janice Caiafa. Encontro, em pastas coloridas guardadas em prateleiras, notas de suas aulas: "a aventura própria das cidades, segundo Deleuze e Guattari, consiste na produção de novos territórios existenciais; quando a cidade dissolve as recorrências ao familiar e ao identitário, ela introduz variação nos processos subjetivos". E Aluizio Ramos Trinta? Os ditos espirituosos, a notória polidez e os trocadilhos elaborados ecoam diante de velhos apontamentos. Me deparo com anotações sobre o fato essencial da comunicação ser "a própria comunicação, os seus media (tv, moda, dinheiro, cinema, linguagem, etc)

e menos a mensagem transmitida; a mensagem é um engodo hábil que distrai nossa atenção. Rever conceito de paradigma e Thomas Kuhn".

Existe ainda Rogerio Luz entrando na sala para uma de suas aulas. Éramos uns quinze estudantes aguardando pelo início de sua palestra sobre o juízo estético em Kant. Enquanto aguardávamos, o barulho das conversas e das risadas era geral. Rogerio entra taciturno, senta na mesa, retira suas anotações e o barulho das conversas continua colossal. Cinco minutos depois, se tanto, ele retira-se da sala com sua pasta silencioso. A turma se cala e o silêncio abrupto esmaga o ambiente. Teria ele ficado aborrecido com o palavrório geral? Não haverá mais aula? O que fazer? Nos interrogávamos mentalmente sobre o ocorrido – porque ninguém se atrevia a falar mais nada – quando Rogerio volta. Ele entra quieto e ligeiro, com sua pasta marrom, sem olhar para os lados. Dessa vez, usa uma boina de feltro xadrez. A turma ri meio desajeitada. A performance surte efeito. A aula começa.

Anotação: "A arte rompe com a cadeia dos hábitos. Ela é produção de diferença, de novas sensibilidades e subjetividades. Ela está para além da fala, da representação, do conceito".

Winnicott e pensamento estético. Outro curso. A aula termina. Estamos Rogerio Luz e eu conversando em pé em torno da mesa. Preciso decidir o tema da dissertação – são tantas leituras, fichamentos, filmes vistos e por ver, descobertas... Comento que revi

¹ Professora Associada do Departamento de Comunicação da PUC-Rio. Líder dos Grupos de Pesquisa Documentário no cinema e nas interfaces audiovisuais: imagens e sentidos em disputa e do IMADIS – Laboratório de Pesquisa de Imagens em disputa no Cinema e Audiovisual. Possui mestrado e doutorado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A *liberdade é azul*, de Kieslowski, e prosseguimos a conversa trocando impressões sobre o filme. De repente, um clarão: "Andréa, que tal escrever, quem sabe, sobre o cinema de Kieslowski... polonês que vai pra Paris com o projeto de fazer uma trilogia sobre a Europa." No caminho de casa e, ainda, nos dias e semanas seguintes, o "Concerto para Inauguração da Europa", tema musical do primeiro filme da trilogia, repisa na minha cabeça incansável. A dissertação e o livro *Cinema em Azul, Branco e Vermelho* estavam por vir.

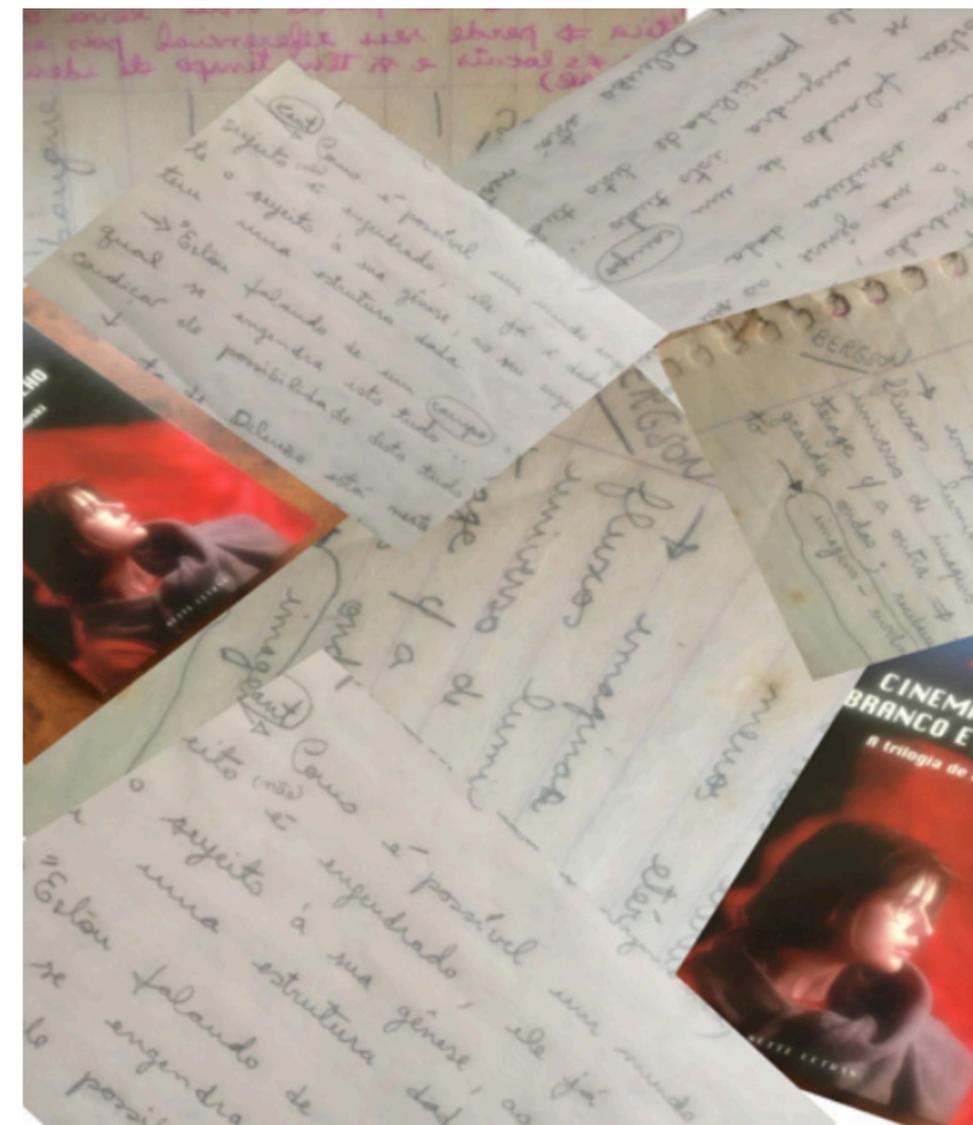
Anotação: "*Experiência estética é confronto e empatia*"

Outra pasta com observações, rabiscos e desenhos de cabeças humanas. A metade final da folha de papel está escrita em caneta vermelha. Trata-se de uma aula de Mauricio Lissovsky a partir do ensaio de Walter Benjamin, *Sobre o Conceito da História*. Trata-se do último texto de WB. Talvez tenha sido ditado para alguém escrever; não é certo que WB tenha escrito da própria mão. O poema de Baudelaire, "A uma passante", é uma referência importante. Nele, a mulher é o acontecimento, a catástrofe que rompe com o continuum da história. Como salvar o acontecimento? Leio ainda na mesma folha: "a experiência do conhecimento é sempre um relâmpago". Mauricio usa uma camisa estampada e larguíssima. Uma camisola de dormir não fossem os botões à frente.

Krzysztof Kieslowski não viveu para testemunhar a ascensão do *Lei e Justiça*, um partido político nacional-conservador e de extrema-direita, o maior partido no parlamento polonês. Teria ficado enojado com os rumos da Europa e do mundo. *A liberdade é Azul* mostra que o objetivo da União Europeia, fundada no ano de 1993, enquanto o filme estava nas salas de cinema, era ampliar as "benesses" da vida burguesa ocidental a todos os seus membros (a Polônia ingressa na UE em 2004). No vácuo do ideário burguês de prosperidade, liberdade e igualdade universais, vácuo tão bem sinalizado nos filmes, os discursos nacionalistas e populistas vem ganhando cada vez mais adesão e poder na Europa e além; funcionam como antídoto para a falta de perspectivas, de segurança, de enraizamento.

Me alegra hoje olhar meu primeiro livro, resultado de uma conversa com Rogerio em sala de aula. Kieslowski e seu roteirista, Piesiewicz, oferecem um belo lembrete de que, com frequência, as imagens do cinema e da arte participam dos acontecimentos e intuem o que está por vir. Não são apenas testemunhos neutros.

Texto escrito em 15/10/2023



Apontamentos de sala de aula em 1997

Um percurso na Comunicação e na Cultura

Anna Bentes¹

Nos últimos dez anos, vivemos diversas transformações no papel das tecnologias de comunicação em nossa sociedade. Não somente as práticas comunicacionais se tornaram mais digitais como as mídias digitais se tornaram cada vez mais relevantes na mediação de processos sociais, culturais, políticos, econômicos e subjetivos. Nessa última década, portanto, os múltiplos objetos do campo da Comunicação ganharam novos problemas teórico-conceituais, bem como novos desafios metodológicos.

Essa década foi também o tempo em que eu comecei a ter contato com a Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ). Comecei esse percurso como uma estudante de graduação em Psicologia interessada nos efeitos subjetivos das tecnologias, que cursava disciplinas da

pós e desejava fazer o mestrado na área até a formação como pesquisadora-doutora em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ (PPGCOM/UFRJ ou ECO-Pós), o qual celebramos o aniversário de 50 anos.

Nessa trajetória de formação acadêmica, foi possível viver e observar os fenômenos contemporâneos da Comunicação a partir de um olhar crítico que me ensinou a não buscar respostas simples para questões complexas. Em meados de 2013, o Brasil e outros lugares do mundo debateram o uso de mídias sociais enquanto ferramenta de mobilização política e democrática. Foi neste mesmo ano que, a partir das revelações de Edward Snowden, o potencial libertário dessas tecnologias foi questionado, uma vez que elas eram também meios de vigilância em massa. É também no início da década de 2010 que uma nova geração de técnicas de inteligência artificial se distribuiu em diversas funções e impactando nossas relações sociais, políticas, econômicas e subjetivas. Com isso, as plataformas digitais foram consolidando a emergência de uma nova fase do capitalismo baseada em vigilância, dados e algoritmos.

Esse novo contexto sociotécnico trouxe profundas transformações nos modos de comunicação, deslocando um modelo unilateral da comunicação de massa para um multilateral, distribuído e em rede. Os processos de transformação técnica, por sua vez, estavam indissociáveis das novas formas de sociabilidade, de produção de imagem, de práticas

culturais, configurando o observador contemporâneo e sua subjetividade.

Em meio a emergência desses acontecimentos, eu comecei a tomar contato com esses debates quando comecei minhas primeiras experiências com pesquisa na Iniciação Científica ligada ao Medialab. UFRJ, laboratório transdisciplinar sediado na ECO/UFRJ, que também nascia naquele ano de 2013. Sob a coordenação da professora Fernanda Bruno, que foi minha orientadora da graduação ao doutorado, o laboratório me proporcionou uma rica convivência com professores e pesquisadores do PPGCOM-UFRJ. Ali, eu comecei a ficar totalmente inspirada pelo potencial do ensino e da pesquisa como caminho profissional, assim como totalmente curiosa e perplexa com os fenômenos relacionados às mídias e à cultura.

Quando eu entrei efetivamente no programa, no início de 2016, eu fiquei surpresa com a multiplicidade de pensamentos, abordagens, objetos e metodologias da área. Embora eu tenha vindo da Psicologia, eu logo fui acolhida pelo caráter interdisciplinar do campo da Comunicação e, especialmente, forte na ECO-Pós. Tive contato por meio de aulas e/ou leituras de professores e professoras como Fernanda Bruno, Maria Cristina Franco Ferraz, Paulo Vaz e João Freire que me mostraram os diferentes diálogos entre a Comunicação e a Psicologia para analisar o papel das tecnologias nos processos de produção de subjetividade.

¹ É professora da Escola de Comunicação, Mídia e Informação da Fundação Getúlio Vargas (FGV ECMI). É Doutora e mestre em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Um dos importantes legados do PPGCOM/UFRJ na minha trajetória acadêmica foi a sólida base teórica que ele me proporcionou. Lembro que os momentos de estudo para a prova do mestrado e do doutorado foram um denso mergulho na obra de autores que não somente são clássicos para a Comunicação, mas que apresentaram conceitos estratégicos para analisar os processos contemporâneos. O contato com os textos de Walter Benjamin, Michel Foucault, Jonathan Crary, Gilles Deleuze, Félix Guattari e outros me ofereceram ferramentas teóricas importantes para as pesquisas que eu desenvolvi nos anos seguintes na pós-graduação.

Inicialmente, na pesquisa do mestrado, eu estava interessada em entender os regimes de visibilidade e as metamorfoses da percepção nos processos de vigilância contemporâneos distribuídos pelas mídias digitais. Na linha Tecnologias de comunicação e estéticas, a qual eu fiz parte, os professores e professoras da ECO-Pós me introduziram a uma série de discussões, evidenciando as camadas de complexidade no pensamento sobre estética, mídia e cultura nos processos comunicacionais. As aulas de Maurício Lissovsky, Antonio Fatorelli, Victa Carvalho, André Parente, Katia Maciel e Beatriz Jaguaribe me fizeram questionar o estatuto do olhar e da imagem e a considerar as transformações do digital nas visualidades.

Após desenvolver uma pesquisa no mestrado sobre as relações entre visibilidade e subjetividade nas plataformas digitais, no doutorado, iniciado apenas algumas semanas após a defesa da dissertação, pude aprofundar ainda mais as implicações sociotécnicas, tecnopolíticas e epistemológicas do contexto midiático contemporâneo. Professores e professoras como Ivana Bentes, Henrique Antoun, Marcos Dantas e Giuseppe Cocco, cada um à sua maneira, adicionaram densidade às implicações socioculturais da economia política dos algoritmos e das plataformas digitais. Ana Paula Goulart e Marialva Barbosa me apresentaram valiosas reflexões sobre a historicidade dos meios de comunicação e o tempo das mídias. Marcio Tavares do Amaral e Muniz Sodré sobre o olhar filosófico para os meios de comunicação. E só para citar os professores e professoras que tive o privilégio de aprender em sala de aula, conviver nos corredores e/ou ler as suas produções.

Ingressando no doutorado em março de 2018, fui surpreendida com as revelações do caso da empresa de marketing político Cambridge Analytica nas eleições norte-americanas de 2016. Este também foi o ano eleitoral no Brasil, no qual a sociedade experienciou os impactos das mídias digitais na comunicação política e na difusão em massa de desinformação. Em 2020, o mundo enfrentou também as consequências da pandemia de covid-19 e uma nova escala do fenômeno da desinformação. Em 2023, nós entramos nos novos desafios da inteligência

artificial generativa, reforçando ainda mais o papel estratégico da Comunicação para compreender os fenômenos contemporâneos da cultura e da sociedade. Papel este que a ECO-Pós assume com excelência e robustez ao longo desses 50 anos de história, produzindo conhecimento e formando criticamente novas gerações de pesquisadores e pesquisadoras.

Em tempos de desinformação e pós-verdade, os desafios da ciência e da educação se multiplicaram. Nesse contexto, um programa de pós-graduação tem uma importante missão não somente de transmitir o conhecimento já consolidado, mas também de ensinar como produzir saber e pensamento crítico. O PPGCOM-UFRJ, como o primeiro programa de pós em Comunicação nota máxima na avaliação da CAPES, construiu uma trajetória brilhante e de liderança na área.

Contudo, não apenas de pesquisa se constrói uma pós-graduação. A ECO-Pós também me proporcionou conhecer e conviver com outros pesquisadores e pesquisadoras, amigas e amigos. Essas trocas alimentaram minha vida acadêmica intelectual e emocionalmente com diálogos e reflexões tanto sobre inquietações de pesquisas quanto sobre as angústias da precariedade da ciência no Brasil. Colegas-amigos como Paulo Faltay, Lorena Regattieri, Paula

Pereira, Debora Pio, Wilson Milani, Flávia Meireles, Isabel Stein, Isabel Veiga, Hermano Callou, Adriano Belisário, Patricia Pamplona, Victor Vicente, entre outros também se formaram grandes pesquisadores pelo programa, cujos trabalhos inspiram e servem de referência para a minha na produção acadêmica e de tantas outras pessoas.

Não menos importante, o trabalho paciente e cuidadoso do corpo técnico-administrativo da secretaria acadêmica, representado por Thiago Couto e por Jorgina da Silva Costa, é essencial para manter um programa de pós nota 7 funcionando. Esses funcionários são tão parte da ECO-Pós quanto seus docentes e discentes.

Entre as minhas experiências acadêmicas, tive a oportunidade de colaborar como revisora e parecerista da Revista ECO-Pós, uma revista proeminente na área, e pude co-organizar e participar de seminários dos discentes. A mobilização discente também foi importante para a implementação de políticas de ação afirmativa e para o avanço das pesquisas sobre questões de raça, gênero e desigualdades no campo da comunicação.

Em todos esses anos de mestrado e doutorado, também pude colaborar nos projetos do Medialab. UFRJ, experienciando a vida cotidiana de um laboratório de pesquisa, trocando com colegas, professores do CiberIDEA e aprendendo a construir conhecimento. Assim, a minha vida acadêmica foi rica

em termos teóricos, mas também práticos. Em um tipo de prática que sempre foi permeável às urgências políticas e sociais do presente e pautada pelo horizonte da transformação social através da pesquisa e do ensino.

Toda a formação teórica, prática e metodológica no saber da Comunicação que aprendi nos meus anos de ECO-Pós me possibilitaram construir, com autonomia, um pensamento crítico sobre os fenômenos da Comunicação e da Cultura. Além disso, uma rede de trocas e afetos. As aulas, leituras, discussões e experiências diversas mantiveram vivas a minha curiosidade e meu olhar de pesquisadora. Como professora, hoje, reconheço e acredito em todo o potencial que a educação e a formação de qualidade podem ter em transformar a vida de uma pessoa. A minha vida foi transformada pela minha formação acadêmica na ECO-Pós e, por isso, a todas e todos que participaram desta trajetória, eu só tenho a agradecer.

Comunicação e Cultura como espaço de surpresa e transformação: os 50 anos do PPGCOM-ECO/UFRJ

Fernanda Martinelli¹

A Universidade já foi intensamente descrita como uma instituição voltada para a experimentação necessária para produzir conhecimento, cultura, arte. E em sua estrutura fundante mais elementar, em permanente mudança, ela desempenha o papel fundamental como um espaço de descoberta e transformação, servindo como lugar onde saberes são constantemente experimentados, desafiados, redefinidos e expandidos. Através da pesquisa, do ensino e da extensão, a universidade abre portas para novos horizontes de compreensão, e catalisa mudanças significativas na sociedade, em sua capacidade de inovação e de inspirar novas perspectivas. Isso atualiza e reposiciona a universidade também como um espaço de centralidade da surpresa e do inesperado.

A educação da e pela surpresa é uma função tão importante para o avanço da dúvida metódica necessária para as ciências, como a educação sentimental para o experimento contínuo da vida democrática. A universidade pública brasileira tem essa vocação de ser democrática, aberta, de afetar e de ser afetada por outras comunidades de conhecimento que não estão na rotina das salas de aula como presença formal-institucional, mas que devem ser cotidianamente incorporadas como comunidades de interesse e de troca de aprendizado. Educar e educar-se implica orientar-se de maneira significativa, estruturada e ética para a possibilidade de surpreender-se.

Minha vivência no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO, como a de tantas e tantos colegas, foi um encontro pessoal com essa expansão de horizontes, e com caminhos que a pesquisa em comunicação mostrou possíveis. Um trajeto semelhante para milhares de pessoas que, nestes 50 anos, na construção diária dessa instituição, desvelaram para o território, a cidade, o campo da cultura, as comunidades, as identidades, as diferenças, as narrativas em torno de si, em uma cidade como o Rio de Janeiro, o Brasil e sua inserção internacional, as relações, as escalas entre o local e o global, o passado, presente e futuro da comunicação.

Ao longo de cinco décadas, o PPGCOM-ECO refletiu várias tensões que ressaltam a importância e centralidade simbólica e material da cultura, da comunicação e do conhecimento. Por um lado, organizando a profissionalização de uma comunidade crescente multiplicada pela docência e pesquisa em universidades de todas as regiões do país. E como a profissionalização do saber, a formação dessa comunidade epistêmica vincula também a construção de uma identidade nacional dialética e viva, em contraposição à imposição de discursos e estereótipos de forma estática e indiferente aos nossos desafios de inclusão. Essas possibilidades de crítica e construção representam uma aplicação da surpresa e do desvelamento, da expansão de horizontes e da fusão de horizontes cada vez mais democratizada.

Por outro lado, as narrativas que atravessam o Rio de Janeiro e que são imaginários fundantes usados por uma indústria midiática que acompanha a formação da TV Brasileira décadas atrás, e de um complexo aparato de comunicação, redes sociais e um universo crescente de novas tecnologias, acompanham por sua vez a galvanização de uma linguagem, de um ritmo, e de uma musicalidade de um Brasil que, em seu processo histórico e social, enfrenta permanentemente o desafio de deixar de assistir e consumir uma versão cristalizada de si. A capacidade de superar estereótipos, de incluir vozes e olhares diversos, de imprimir características emancipatórias e pluralistas se incorpora como uma

¹ Professora Associada da Faculdade de Comunicação da UnB (Universidade de Brasília), doutora em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ e mestre em Comunicação e Cultura pela mesma instituição.

tarefa epistemológica, estética, prática e tecnológica privilegiada do campo da comunicação e da cultura. Um desafio que acompanha a trajetória do espaço universitário que o Programa de Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ representa.

A Universidade que encontrei como estudante da pós-graduação, migrante e publicitária vinte anos atrás, era tributária de uma já longa trajetória criativa, que me convidou a conhecer com generosidade, integridade, rigor e sensibilidade – componentes que eu busco democratizar como docente e em minha gestão como coordenadora de um Programa de Pós-graduação pública em minha atual instituição, a Universidade de Brasília. A Universidade que temos diante de nós e que dá as boas-vindas a cada vez mais pessoas que superam os desafios de vulnerabilidade impostos ainda por um país marcado pelo racismo, machismo, LGBTfobia, xenofobia e tantos processos de discriminação, deve continuar disposta a surpreender-se e a permitir a surpresa, a descoberta e a transformação, empoderando para a mudança social, a ética e a justiça, através da comunicação, da cultura e do saber. Vejo isso em colegas e na instituição que nos representa no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da ECO que celebramos neste cinquentenário, olhando os próximos 50 anos a nossa frente.

Com o Laginho Inteiro para Nadar

Ivana Bentes¹

Começo esse texto, meio ensaio, meio depoimento, meio crônica e memória, com uma nota biográfica que explica como os jardins se bifurcaram para me trazer aqui e agora, nos 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ.

Nasci na cidade de Parintins, uma ilha no meio do rio Amazonas, e saí de lá aos 10 anos de idade quando meus pais migraram para Rio Branco-AC para recomeçar a vida com seus seis filhos. Vivi em Rio Branco até os 16 anos e em 1980 vim para o Rio de Janeiro, para acabar o ensino médio e tentar um curso de jornalismo ou de "astronauta" ou "cientista exploradora", uma febre nos testes vocacionais de fim de ano das escolas do interior do Brasil.

Dessa forma atravessei largos rios, do Rio Amazonas para Rio Branco e de lá para o Rio de Janeiro, e cheguei em uma cidade complexa e fascinante "sem parentes importantes e vindo do interior".

Foi o ambiente universitário, onde entrei em 1982 para cursar Comunicação Social e Jornalismo, na Escola de Comunicação da UFRJ, que me abriu todas as oportunidades para viver e trabalhar na cidade do Rio, ampliando meu repertório acadêmico, meu capital simbólico e minha rede de relações.

Ao me ser franqueado um repertório inteiramente novo no campo do conhecimento e das relações sociais adquiri e desenvolvi o que chamo de mobilidade subjetiva, a habilidade de entrar e sair, me deslocar entre grupos com códigos muito distintos.

Uma questão que adiante seria um ativador teórico para pensar sobre "os novos sujeitos do discurso" vindos das periferias reais e simbólicas e me perguntar quais as condições de possibilidade para alguém "se tornar o que é" e como induzir e intervir para produzir mobilidade social e subjetiva em um país tão desigual e brutal como o Brasil.

Na ECO fui afetada pelas leituras, pelo cinema, pela literatura, pelas artes, pela conversação, campos que me formaram e se tornaram objetos de meus estudos. Um repertório que se adquire, que nos é franqueado, e sem o qual somos barrados e limitados socialmente.

Ter "mobilidade subjetiva" sempre foi uma necessidade e uma disposição nesses 30 anos de UFRJ, assim mantive um pé dentro e outro fora da Escola de Comunicação, um equilíbrio instável e duradouro, que foi decisivo no meu percurso acadêmico e pessoal.

Havia e há algo de mágico na Escola de Comunicação. Ainda na graduação onde entrei em 1982, conheci e participei do grupo que reinventaria o cineclubismo no Brasil, o Grupo Estação Botafogo, que ao reformar um decadente cinema de rua em Botafogo, em 1985, criou um circuito para filmes de arte, autorais e clássicos, e me deu a chance de fazer uma formação autodidata em cinema e atuar como crítica e ensaísta, no mesmo período que me formava na ECO.

Liberdade e Autonomia

Nesse sentido estudar na Escola de Comunicação foi libertário desde a graduação, mas seria ainda mais decisivo na pós-graduação. Nossos trabalhos de final das disciplinas de graduação eram manifestos sobre o movimento punk, os grafites dos banheiros, ou um programa de auditório imitando o Chacrinha onde discorriamos sobre as teorias da comunicação.

As aulas de psicologia tinham alunos se arrastando em contorções para representar as pulsões e tive, no segundo período, que explicar a teoria da mais

¹ Ivana Bentes é professora titular da UFRJ, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ.

valia em Marx, na aula do professor Hério Saboga, apresentando para a turma Marx e o marxismo sem apoio de qualquer comentador. Ou ainda discutir Notas do Subterrâneo (ou Memórias do Subsolo), de Dostoievski para a aula do professor de psicologia, Clause, buscando traçar o perfil psicológico e os pontos de vista do narrador/personagem.

Descobri quanto custava adquirir repertórios e como seriam minha maior moeda de trânsito e mobilidade social. Essa conexão entre o mundo dos conceitos e a experiência cotidiana, ver e escrever sobre filmes no jornal e depois Revista TABU do Estação Botafogo, resenhar livros para o Caderno Ideias do Jornal do Brasil, de 1990 a 1994, foi um exercício de conquista da escrita e de autonomia, poder "assinar" um nome.

Fluxo e Mobilidade

Voltando a formação acadêmica e entrada na Pós-graduação de Comunicação e Cultura, assim que acabei a graduação, um período de mudanças, amadurecimento, descoberta dos códigos da cultura e da arte, da literatura e do cinema, iniciei o mestrado em 1987, que se desdobrou em um doutorado em 1992, também no PPGCom da UFRJ: três períodos da minha vida e formação que são um só fluxo, tendo a ECO como esse ambiente mágico, ou um "playground para adultos" como gostava de dizer com ironia um professor mais sarcástico.

Uma frase que levei a sério, celebrando o que há de lúdico, sonhático e potencializador nesses espaços, que são também *bunkers* de resistência nos campi universitários, ambientes cognitivos e afetivos transformadores.

Na pós-graduação, foram os períodos de formação em grupos de estudo de filosofia, com o querido Fernando Ribeiro, dos pré-socráticos a Gilles Deleuze e Michel Foucault que me levaram a ampliar meu interesse pela história dos pensamentos. Uma descoberta do poder de mobilização dos conceitos.

A inteligência coletiva e o prazer de estarmos juntos marcaram minha passagem na pós-graduação, além da descoberta dos "mestres loucos", formadores autodidatas como Cláudio Ulpiano, que reuniam em grupos de estudos abarrotados, pessoas improváveis: pesquisadores, artistas, curiosos, que se tornaram os deleuzianos do Rio de Janeiro.

Foi com meu orientador de mestrado e doutorado, Márcio Tavares D'Amaral e depois com Cláudio Ulpiano que descobri que um professor não passa "conteúdos", não ensinamos "nada", mas transmitimos entusiasmo e desejo por mundos, conceitos e ações transformadoras que estes sim podem vir a nos impactar e transformar. Professores nos oferecem problemas e simultaneamente um mundo-abrigo, tudo o que eu tinha para virar professora da ECO.

Foi nessa época que participei ativamente dos grupos de estudos do IDEA, durante o mestrado e doutorado, uma convivência que criou laços de vida, amores e afetos, uma formação acadêmica-afetiva em fluxo em que orientadores e orientandos, amigos e colegas formavam um bando a parte e um círculo de vastas emoções e pensamentos imperfeitos.

A elegância de formulações de Márcio Tavares D'Amaral, o entusiasmo de Ieda Tucherman, a informalidade e provocações de Heloísa Buarque de Hollanda, os conceitos antropológicos trazidos por Ilana Strogenberg, as aulas que começavam com uma palavra em grego de Emmanuel Carneiro Leão, as aulas dramatizadas e performáticas de Carlos Henrique de Escobar e MD Magno, a cultura pop trazida por Nízia Vilaça, o cinema e as artes por Rogério Luz, a mística politizada de Muniz Sodré, entre tantos outros, me formaram.

Os grupos de estudos e encontros com Paulo Vaz, Henrique Antoun, Marta Pinheiro, Denise Trindade, Luis Alberto Oliveira, Rosa Pedro, Consuelo Lins, e depois Maurício Lissovsky, Fernanda Bruno e Beatriz Jaguaribe e tantos colegas e professores de diferentes gerações foram decisivos para um processo de apropriação de ideias e conceitos para além do estado de "livros" ou bibliografias. Conceitos tornados vivíveis.

"O motor do conhecimento é a paixão" diz o neurobiólogo Humberto Maturana que tive o prazer de entrevistar para o Caderno Ideias, onde eu escrevia durante meu doutorado na ECO. Frase que se materializava nas paixões teóricas e no prazer das aulas de pós.

A pós-graduação na ECO me deu a oportunidade de ter um pé dentro e fora da universidade. No Caderno Ideias do Jornal do Brasil pude conhecer, entrevistar, escrever sobre, não só Maturana, mas o filósofo Félix Guattari, Darcy Ribeiro, o cosmólogo Mario Novello, o teórico Pierre Levy, escritores como João Gilberto Noll, Moacyr Scliar, Sérgio Sant'Anna, Sérgio Paulo Rouanet, resenhar os livros de Gilles Deleuze, Jean Baudrillard, Jacques Derrida e muitos outros autores que me levaram a experimentar uma escrita própria.

Essa exposição a repertórios tão heterogêneos, essa convivência, mesmo que fugaz, com inteligências e mundos tão singulares, o acesso a esses meios foi tão importante quanto toda a minha educação formal na pós-graduação e nos grupos de estudos.

O meu caderno de contatos do Ideias e o acesso direto a pessoas que minha origem social jamais permitiria, a rede de network e relações pessoais construídas no ambiente universitário da pós-graduação são uma parte relevante do meu capital social e essa percepção hoje é decisiva para que procure de todas as formas franquear acesso a pessoas, instituições, parceiros e redes em um país de assimetrias e desigualdades.

Ambientes Cognitivos e Afetivos

Os grupos de pesquisa da Escola de Comunicação foram também decisivos na minha formação. No IDEA, meu orientador Márcio Tavares d'Amaral me ensinou a transitar pelos sistemas de pensamento, mas a alegria dos encontros, o debate de autores contemporâneos, como Foucault e Deleuze, a entrada para a filosofia de Heidegger ou a problematizações dos conceitos de verdade, sujeito e tempo me encorajaram a pensar e trazer a filosofia para o presente urgente.

Já tinha quase desistido da filosofia quando um professor de um curso do IFCS da UFRJ (que eu frequentava para complementar as aulas de pós da ECO) nos obrigou a analisar uma nota de pé de página da Crítica do Juízo de Kant durante mais de três aulas seguidas, repetindo que jamais teríamos "o que dizer" ou voz própria nesse campo.

Quase desisti da filosofia ali, mas recobrei a coragem na proposta transdisciplinar e desengessada de formação que a pós-graduação da ECO nos trazia. Nesse sentido a crítica que era feita a Escola de Comunicação da UFRJ, "excessivamente centrada na comunicação para os filósofos e filosófica demais para os comunicólogos" me pareceu um elogio e uma justa e bela definição.

No CIEC (Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos) coordenado por Heloisa Buarque de Hollanda e Ilana Strozenberg, núcleo de pesquisa

da pós-graduação, entrei em contato com os estudos pioneiros sobre o feminismo, gêneros, os estudos das relações étnico-raciais e os estudos culturais. Projetos que me abriram outros mundos.

Heloísa Buarque trazia para dentro da universidade brasileira temas completamente desconhecidos e na época desvalorizados. Em um ambiente marcadamente misógino e patriarcal, editou coletâneas de textos feministas, catálogos de mulheres cineastas, e me incluiu, aos 27 anos, no seu livro Ensaístas Brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860/1991, tendo como referência meus textos publicados no Caderno Ideias do Jornal do Brasil. Um gesto que me lisonjeou e encorajou.

As mulheres não são encorajadas (ou melhor, não eram) a formar grupos próprios, matilhas e bandos e nem a pensar suas singularidades. As confrarias sempre foram masculinas, por isso hoje em qualquer ação de distinção: nomear, destacar, singularizar, imediatamente me vem esse gesto de mulher que puxa a outra, que nomeia, que acolhe, que abre portas e dá visibilidade, materializando discursos e retóricas.

A convivência no CIEC com mulheres-pesquisadoras que evidenciavam os processos de assujeitamento dentro mesmo da academia trouxeram uma nova dobra na minha formação.

Para além da graduação, mestrado e doutorado na Escola de Comunicação, uma formação endógena e sem interrupções, fiz um ano de formação em Filosofia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da UFRJ, um curso que selou em definitivo (além da minha participação entusiasmada no grupo de pesquisa IDEA) minha paixão pelos pensadores disruptivos: Nietzsche, Gilles Deleuze, Michel Foucault, apresentados por professores que me marcaram, como Roberto Machado e uma formação arrebatadora com José Américo Pessanha, com seu teatro e drama das ideias.

Apesar de diversa, minha formação cultural nesses anos foi marcada pelo cinema. E o pensamento do cinema iria marcar a escolha do tema da minha dissertação de mestrado *Percepção e Verdade: Da Filosofia ao Cinema*, orientada pelo querido prof. Márcio Tavares D'Amaral e defendida em 1991 e também minha tese de doutorado: *Teoria e Biografia na Obra de Glauber Rocha*, que defendi em 1997, também com Márcio Tavares de orientador, articulando cinema e pensamento.

Ser docente na ECO

Quando passei no concurso público para professora da Escola de Comunicação da UFRJ em 1994, ainda cursando o doutorado, e ainda trabalhando como redatora no Caderno Ideias do Jornal do Brasil, a porta que se abriu na minha frente não tinha sido nem imaginada, nem fabulada e nem esperada

com antecedência. Pulei no dorso do cavalo selado que passou na minha frente e me trouxe até aqui. Descobri kairós, o tempo oportuno, o momento que muda uma vida.

Assim que assumi minha função de professora de comunicação e entrei para o departamento de Fundamentos, onde estavam todos os meus mestres e os fundadores da ECO, ministrei praticamente todas as disciplinas de teoria e história da comunicação da graduação. Eu me identificava com os interesses dos meus alunos, podendo lançar mão dos repertórios vindos do cinema, da música, da televisão, da cultura pop para preparar as aulas.

Os estudantes "nunca envelhecem" e acompanhar seus interesses e repertórios significa estarmos montados no dorso do presente. Um "presentismo" que valorizo e cultivo e que me traz uma energia suplementar diante do "eterno retorno da diferença" a cada ano, como se habitássemos a cápsula do tempo-espço em que todas as gerações são jovens. Um intenso agora em que estudantes de graduação e pós se tornam meus parceiros de textos, pesquisas, amigos cujos laços vêm se estreitando cada vez mais.

Nos cursos de Pós- Graduação em Comunicação e Cultura, em que entrei em 1998 a convite do professor Emmanuel Carneiro Leão, um ano depois de defender a tese de doutorado, busquei inicialmente o cinema como ativador de questões do pensamento contemporâneo.

Os cursos posteriores ao ano 2000 na Pós-Graduação se voltaram para as teorias dos dispositivos, o imaginário tecnológico e mais recentemente as teorias sobre as redes sociais e a noção de *commons* e as teorias meméticas: Jonathan Crary, Bruno Latour, Antonio Negri, além de conceitos e aportes vindos de Gilles Deleuze e Michel Foucault, foram as bases teóricas que me apoiaram desde os primeiros passos.

Comecei com os temas da dissertação de mestrado e da tese de doutorado. Depois fui migrando para as questões do imaginário tecnológico no cinema; modernidade, pensamento contemporâneo e teorias da imagem; dispositivos tecnológicos, problemas teóricos da comunicação; cultura de redes, transição *commons*, teorias e práticas disruptivas.

Mais recentemente senti necessidade de introduzir autores e autoras que deslocam mais uma vez nossos chãos teóricos e experiências, a partir de uma demanda dos estudantes da Pós, notadamente os/as cotistas, e trouxemos para nossa bibliografia Paul B. Preciado, autor do Manifesto Contrassexual; a Crítica da Razão Negra, de Achille Mbembe, e Calibã e as Bruxas, de Silvia Federic. Além de autores, Krenak, Kopenawa e autoras brasileiras e negras que estão me abrindo novos caminhos.

Os cursos de pós-graduação são cursos de apresentação de questões, conceitos e autores que possam ser apropriados pelos estudantes de pós-graduação da ECO na construção de caminhos

próprios, como pesquisadores, formadores e em ações com incidência no tecido social. Mais recentemente em todos os cursos de Pós reservo um módulo para pensarmos a "dobra brasileira", não importa o tema, há sempre essa "dobra" que fala do nosso presente urgente.

Na ECO, onde entrei como estudante de graduação, me tornei professora, diretora, tendo como colegas meus mestres, percebi rapidamente que a universidade só faria diferença se fosse o ambiente para o surgimento de críticos, pensadores, gestores inovadores, e agentes de transformação.

Como diz o poema de Wally Salomão :*"Cresci sob um teto sossegado, meu sonho era um pequenino sonho meu. Na ciência dos cuidados fui treinado. Agora, entre meu ser e o ser alheio, a linha de fronteira se rompeu."* Fazer parte da pós-graduação da ECO-UFRJ me permitiu e me permite atravessar as fronteiras dos rios, e tomar um banho d'água fresca na maravilhosamente clara água desse lindo lago do amor, do amor ao mundo, que é o coração da nossa Escola.



Qual linda garça

Janice Caiafa¹

Uma garça pousou à beira da água verde opaca da piscina, roçando as fileiras desalinhas das telhas. Quem assomou à janela naquele momento viu. Estava ereta na postura ondulada dos pássaros, nívea, os olhos voltados para o Palácio.

O lugar que recebeu seu voo é sombrio e infértil, o que o dia chuvoso agravava, mas floresce sempre na reminiscência da época de água azul e o grande burburinho de natação e vozes altas.

A piscina sempre renasce nessa volta de sensações e na conversa que se exalta, mesmo para quem não a viu antes. E a imagem incorporada daquela outra cena se entrelaça com os rumores deste momento, nas salas de aula e nas cercanias do campus, hoje ele mesmo um tanto nu, vazio, como alguns de nossos corredores.

A garça tornou esse entremeio dos tempos ainda mais forte. A garça apareceu como signo concreto, signo em sua face de não-sentido, poroso à paisagem, às pessoas, às coisas e à atmosfera.

Essa garça é uma intercessora. Uma aliada nossa que permeia e ata com fios de prata os diversos espaços-tempos.

Os bichos nos impelem em geral nesses devires. Hoje sem os gatos que povoavam delicadamente, selvagememente o campus como talismãs, recebemos esse pouso da garça como uma seta em movimento.

Gratos que somos pela pausa generosa que fez ali, aqui conosco, em seu voo tão maior e majestoso.

¹ É professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ, onde atua desde 1991. É poeta e Pesquisadora Sênior do CNPq.

Minhas recordações do PPGCOM/UFRJ

José Messias¹

Minha trajetória no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ começa com a entrada no doutorado sob orientação da querida Profa. Dra. Ivana Bentes. Na linha de pesquisa Tecnologias da Comunicação e Estéticas, pude também aprender e estreitar laços de respeito e amizade com outros docentes, como o prof. Dr. Henrique Antoun e a profa. Dra. Fernanda Bruno. Já possuía bastante admiração pelos três pesquisadores por conta de sua atuação no GT de Cibercultura da Compós, ABCiber, entre outros espaços de debate da área que acompanhei desde a graduação, mas foi um grande privilégio desenvolver essa proximidade e eventuais colaborações, já como professor, com participações em bancas de seus alunos e falas públicas como no evento "#FAIL – Tecnologia e política: pensar e fazer mundos a partir de suas falhas e ruínas", organizado pelo MediaLab/UFRJ.

¹ Professor do curso de jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMA, campus Imperatriz, e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFF. Coordenador do Laboratório de pesquisa em Games, Gambiarras e Mídia em Rede (GamerLab/UFMA).

Embora meu ingresso na UFRJ só tenha ocorrido oficialmente em 2012, gosto de pensar que já havia uma conexão pregressa com a instituição por meio de minha primeira orientadora e mentora, a profa. Dra. Fátima Regis, ainda na iniciação científica na Faculdade de Comunicação Social da Uerj. Tendo sido egressa do programa, ela foi orientada pela profa. Dra. Ieda Tucherman, da qual também tive a honra de ser aluno. O projeto submetido para o processo seletivo sobre cultura hacker e videogames busca fazer jus a linha de investigação sobre corpo, ciborgues e tecnologias da comunicação tomada como referência a partir das duas pesquisadoras.

Por sua vez, o encontro providencial com profa. Ivana Bentes proporcionou uma virada significativa na pesquisa ao transformar o que seria um percalço em seu maior trunfo. A constatação de que os hackers da cultura gamer eram conservadores e pró-mercado não se encaixavam na proposta inicial de uma ética contra-hegemônica/antissistêmica. Contudo, Ivana me fez entender que a disrupção desses jogadores não poderia ser atribuída a uma ideia tradicional de conscientização política, mas estava incorporada em uma cosmologia antropofágica e nas mediações sociotécnicas que compõem o conceito de gambiarra².

² Disponível em: http://www.pos.eco.ufrj.br/site/download.php?arquivo=upload/tese_jfranco_2016.pdf. Acesso em 21/11/2023.

O doutorado na ECO foi um lugar de amadurecimento intelectual e pessoal. Vivi oportunidades únicas, como o sanduiche com bolsa da comissão Fulbright, e conheci colegas talentosos com quem aprendi tanto quanto com os mestres listados acima. Da parceria com Kênia Freitas, companheira de orientação, surgiu o interesse pelas perspectivas raciais e estéticas pós-coloniais/decoloniais, uma das agendas mais relevantes do nosso campo. Sua generosidade em compartilhar comigo seu pioneiro objeto de pesquisa, o afrofuturismo, resultou em algumas das produções mais importantes da minha carreira, em especial o artigo que estabelece um diálogo do conceito com o afropessimismo³.

Sem dúvidas, se hoje sou professor do curso de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz, e professor permanente tanto do PPGCOM da UFMA quanto do PPGCOM/UFF, devo a formação que obtive na ECO-Pós e aos diversos caminhos que se cruzaram nesses anos a partir desse vínculo. É com imenso orgulho que posso dizer que faço parte desses 50 anos de história.

³ Disponível em: <http://www.asaeca.org/imagofagia/index.php/imagofagia/article/view/225>. Acesso em: 21/11/2023.

Por causa da experiência pude ter minha experiência na ECO

Leonardo Soares da Silva¹

Minha história com o PPGCOM da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ começou devido a minha paixão pela temática experiência. Em 2008, ao final da minha graduação em Administração de Empresas na UFRJ, descobri o marketing de experiências e decidi fazer deste o tema de minha monografia. Desde então, fiquei muito interessado pela temática. Estava fascinado pela lógica de o marketing conseguir promover experiências que de tão memoráveis poderiam envolver e conquistar os clientes.

No final de 2010, ingressei no mestrado acadêmico, também em Administração de Empresas, na escola de negócios (IAG) da PUC-RJ. Meu desejo era o de levar a diante a pesquisa sobre o marketing de experiência e as experiências de consumo. Apesar do nosso esforço e dedicação, meu orientador e eu não conseguimos um objeto de estudo que permitisse um enquadramento a partir do qual seria possível desenvolver uma pesquisa para a minha dissertação. Perguntas como "o que são

as experiências de consumo?" ou "como gerar experiências memoráveis?" ficaram sem respostas. Conseqüentemente, precisei trocar o tema com a promessa de retomá-lo em breve. Mal sabia eu que estas perguntas ficariam sem respostas durante muito tempo.

Em 2018, decidi fazer doutorado. Realizei o teste da ANPAD, exame que qualifica os candidatos para os processos seletivos dos programas de pós-graduação – mestrado e doutorado – em Administração de Empresas. Infelizmente meu grau foi insuficiente. Logicamente fiquei abalado, pois seria a oportunidade de não apenas continuar a construção de minha carreira acadêmica, mas principalmente de iniciar uma pesquisa com o tema experiências.

Contudo, quando eu menos esperava, uma luz surgiu no fim desse túnel. Duas amigas do trabalho, que fizeram mestrado na ECO ouviram meus lamentos por não ter ingressado no doutorado e sugeriram que eu tentasse ingressar no PPGCOM da UFRJ. Uma delas, durante uma conversa em um café no centro da cidade do Rio de Janeiro, ao saber do meu interesse em estudar a temática experiência e da dificuldade que havia tido durante o mestrado em conseguir um enquadramento insistiu "Léo, mas isso é um tema de pesquisa em Comunicação!". É claro que eu refutei a ideia no mesmo momento. Afinal, como eu poderia ser admitido em um dos melhores programas de pós-graduação do país em um campo de estudos totalmente diferente do meu?

Depois de alguns meses tentando me convencer de que seria uma ideia no mínimo inocente, não pude resistir e decidi ao menos tentar. Me inscrevi e comecei a me preparar para o processo seletivo. Estudei os cinco livros indicados para a prova com afinco. Apesar do grande esforço, eu estava encantado. Um novo mundo se abria diante de mim. Particularmente, "A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional" (2014) de Muniz Sodré me chamou bastante atenção. Quando, na introdução do livro, o autor definiu a comunicação como um "agir em comum", um conjunto de comportamentos, afetos e vínculos profundos ligados a um território (que pode ser físico ou simbólico) responsável por completar grupos sociais e que possibilita à "comunidade" existir, ele não apenas me fez entender o conceito, mas me apresentou uma reflexão que me instigou e que seria fundamental na minha pesquisa num futuro próximo.

Não acreditei quando me vi classificado para as próximas etapas da seleção. Contudo, foi no desenvolvimento do projeto de tese que tive a certeza de que havia tomado uma das decisões mais felizes da minha vida. Na busca por referências teóricas que pudessem me dar base para finalmente desenvolver uma pesquisa com o tema experiências encontrei o artigo "'Consumo de experiência' e 'experiência de consumo': uma dimensão conceitual" (2015) dos pesquisadores da PUC RJ, Claudia Pereira, Tatiana Siciliano e Everardo Rocha. De maneira geral,

¹ Doutor em Comunicação, na linha de pesquisa de mídias e mediações, pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

o trabalho distingue os dois conceitos. Segundo os autores, a "experiência de consumo" consiste em qualquer compra que envolva algum tipo de troca que produza um registro sensível no consumidor e, assim, uma experiência. O "consumo de experiência", por sua vez, ocorre em um espaço onde um evento (ou eventos) de preparação ritualizada anterior é desenvolvido a partir de narrativas (ou fragmentos delas) previamente conhecidas e marcadas pela participação consensual de indivíduos em um acordo tácito entre eles em relação à suspensão voluntária da descrença e a aspectos lúdicos, mágicos ou imaginados que constroem um mundo à parte, onde tais indivíduos estão mergulhados.

Ao ler o artigo dos pesquisadores da PUC RJ, compreendi que o que tanto me inquietava na temática "experiência" não era a "experiência de consumo", mas sim entender como a experiência era vivenciada, consumida. A partir deste momento não tinha mais dúvidas, havia encontrado meu caminho, porque além de responder aos questionamentos que me inquietaram por anos, as reflexões deste artigo possibilitaram que eu também definisse o objeto de estudo da minha tese.

Em 2017 participei da Comic Con Experience (CCXP), um evento de cultura pop que ocorre anualmente durante a primeira semana do mês de dezembro, no Centro de Convenções São Paulo Expo, na cidade de São Paulo. Criado em 2014 pelo site Omelete,

juntamente com a Chiaroscuro Studios e a Piziitoys, é considerado, atualmente, a maior comic con do mundo. Reúne, ao longo de quatro dias, varejistas que comercializam produtos exclusivos da cultura pop; plataformas de streaming, estúdios de cinema e de televisão, que montam estandes onde divulgam suas produções com atividades para os fãs e realizam painéis com artistas e diretores, em que exibem trailers inéditos e pré-estreias de filmes, séries e animações, em um auditório, o Cinemark Thunder; ela também reúne quadrinistas profissionais e iniciantes, que se concentram em um espaço conhecido como Artist's Alley, onde vendem suas artes autografadas e tiram fotos com fãs. O evento possui ainda uma área voltada para games, uma dedicada aos criadores de conteúdo para a internet e um espaço para cosplayers.

Eu, como um apaixonado pela cultura pop, fiquei encantado e percebi que, naquele evento, estava passando por diversas experiências, não apenas relacionadas ao consumo, mas principalmente ao conhecimento das narrativas que estavam presentes em mídias, como o cinema, televisão, plataformas de streamings, livros, quadrinhos e games. Já tinha percebido que havia algo no evento que precisava ser estudado, mas não sabia o que. Após ler o artigo, pude finalmente identificar o que queria entender no evento. Assim, defini que minha tese seria um estudo sobre o consumo de experiência na Comic Con Experience através de uma etnografia.

Finalmente fui aprovado e pude iniciar meus estudos em tão renomada instituição. Durante os quatro anos em que estive no PPGCOM da ECO UFRJ, cada disciplina foi essencial para a construção da minha pesquisa. Logo no primeiro período, comecei a construir as bases para a realização da minha etnografia com a disciplina "Antropologia da Comunicação: Mídia Massiva e Digital", onde entrei em contato com autores como Clifford Geertz e William Foote Whyte. Neste período também cursei a disciplina "Mídia, Memória e Esquecimento", fundamental para minha pesquisa, pois o consumo de experiência envolve o consumo da fruição de alguma coisa a partir de uma memória de envolvimento. Assim, pude estudar o conceito de memória com importantes autores como Henri Bergson, Maurice Halbwachs, Andreas Huyssen e Michael Pollak.

O segundo período sem dúvidas foi o que mais contribuiu para a construção do conhecimento que não apenas foi responsável pelo desenvolvimento da minha tese, mas para a formação de minha identidade como pesquisador. Na disciplina "Etnografias Urbanas: comunicação, experiência e subjetividade", determinei a perspectiva teórica que iria guiar minha etnografia: a perspectiva dialógica de James Clifford abordada em "A experiência etnográfica" (2002). Foi nesta disciplina que me senti seguro para fazer uma etnografia de um objeto pelo que eu nutro afeto, sem pôr em risco o rigor científico. Através dos conceitos de "agenciamentos", "regime de simpatia" e "rizoma"

entendi que poderia observar o familiar e durante o processo de trabalho de campo me deixar afetar pelo que estava ao meu redor e assim identificar discontinuidades que evitariam um contágio ou uma identificação perigosa. Este pensamento hoje segue comigo e me guia em todas as minhas pesquisas, orientando as minhas etnografias.

Outra disciplina que contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento de minha pesquisa foi "Metodologia de Pesquisa em Comunicação". Ao longo do curso eu encontrei o elemento responsável pela pergunta que guiaria minha pesquisa e uma das bases da linha de pesquisa que tenho buscado desenvolver: o "comum". A introdução do livro de Muniz Sodré ficou em minha mente, germinando e finalmente floresceu quando precisava definir o problema de pesquisa. Entendendo que eu e os demais participantes da Comic Con Experience reagíamos às referências às narrativas de filmes, séries, livros, quadrinhos e games e que esta reação era simultânea, ou seja, agíamos em comum, percebi que havia um comum instaurado entre nós. Toda minha pesquisa, desde a etnografia com a aplicação do regime de simpatia até as entrevistas e a análise do consumo de experiência girou em torno da vinculação de comportamentos e afetos por um território simbólico, a cultura pop.

Nos últimos períodos, pude estudar a Hermenêutica de Paul Ricoeur e as três Mimeses, fundamentais para entender a relação entre os participantes do evento e os elementos dos mundos ficcionais oriundos das narrativas de cultura pop e representados por diversas referências ao longo do evento, e o conceito de nostalgia. Sempre me interessei pela nostalgia. Já havia estudado algumas produções sobre Retromarketing, mas na ECO pude me aprofundar um pouco mais e entender que ela não é apenas algo sentido, que acontece em uma determinada hora em que o sujeito está cognitiva e emocionalmente envolvido, mas também é algo que se faz. Consiste em um ato de discurso que pode potencialmente se transformar em um processo criativo pragmático, um processo ativo que ocorre graças às mídias. Ao longo deste período na disciplina "Mídia e Nostalgia" entrei em contato com autores como Fred Davis, Katherine Niemeyer e Ana Paula Ribeiro Goulart.

A partir da tese defendida e aprovada em 2022, pude entender que a memória de envolvimento responsável pelo consumo de experiência é, na verdade, uma anterioridade afetiva, formada pela combinação entre conhecimento e afeto prévios relativos às narrativas veiculadas pelas mídias.

Assim, os quatro anos em que passei na ECO UFRJ, foram de imenso valor não apenas por construir toda a base teórica de minha tese, mas principalmente por abrir caminhos para que eu iniciasse uma pesquisa mais sólida relativa às experiências, temática pela qual sempre fui apaixonado. Hoje, foco minha atenção no desenvolvimento de reflexões que possibilitem entender como estimular o consumo de experiência. Mais do que a formação de doutor, minha passagem pela ECO, portanto, construiu um pesquisador e um apaixonado pela cultura, pelas mídias e mediações.

Ecoss e retalhos de um tempo na cidade única

Maria Helena Weber¹

O privilégio

Em 1993, eu poderia ter atravessado o mar para cursar doutorado em alguma histórica universidade europeia ou norte-americana, mas optei pela UFRJ. Era professora na UFRGS, logo defenderia a dissertação de mestrado e tentava contornar um luto inesperado. Precisava da alegria, da geografia do Rio e do afeto carioca e passei na seleção sendo orientada pelo colega Fausto Neto. O primeiro impacto ao entrar no prédio da Praia Vermelha não foi científico, mas divino e causado por árvores, as magníficas Abriçó de Macaco. Todas as vezes que as vi florescer senti vontade de me ajoelhar como se entidades fossem. Pensava que era fácil ser feliz no Rio porque era fácil

chegar à beira-mar, olhar a paisagem e simplesmente ficar, mesmo com a pobreza, as favelas e o espectro da violência, ao redor. Esse período foi vivido num espaço privilegiado, o apartamento da amiga Mara que vivia no exterior. E ali fiquei à beira-mar, em Copacabana, estudando, escrevendo, festejando, namorando, debatendo sobre comunicação, política, cultura, poesia e sobre mim mesma. O retorno à cidade sem mar à janela foi difícil, mesmo com um porto e alegria em seu nome.

O pensamento

No Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, conheci um modo de pensar e criticar mais ousado embalado em perspectivas teóricas que iam além da comunicação pragmática e atravessavam as fronteiras da filosofia, da linguística e da psicologia. Fui sorvendo tudo que podia e com a sociologia trazida do mestrado aprofundei minhas dúvidas e críticas e ali me formei pesquisadora e aqui estou como Bolsista Pq 1/ CNPq. Não havia muitos debates no campo da comunicação política, meu foco preferencial e talvez por isto tenha ampliado meu campo de visão. Fui provocada a aceitar o impacto de uma grande mudança intelectual e me reapaixonei pelo idioma francês. Esse processo de aprendizagem alterou meu modo de olhar a realidade e consolidou minha fome de saber. Ainda consigo lembrar algumas aulas e debates nitidamente.



¹ Professora Titular e orientadora junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ e mestre em Sociologia pela UFRGS.

O Tom

Durante a minha primeira apresentação entusiasmada de um texto difícil que traduzia o debate presidencial de 1974 entre Giscard e Mitterrand² estranhei o absoluto silêncio do grupo que me ouvia. Entendi que estavam gostando e finalizei, prometendo uma cópia da minha fala. O professor elogiou o bom desempenho e agradeceu feliz, até que alguém rompeu o encanto para perguntar porque eu estava tão brava e falando tão alto? Fiquei um tanto desconcertada e alguém respondeu que era o jeito gaúcho! Depois das risadas fomos ao chopp do outro lado da rua. Aquele comentário retornou varias vezes e eu passei a entender que nós, gaúchos, somos incisivos e diretos demais, sem mediações, tão diretos que beiramos a grosseria. Não aprendemos o modo de falar macio e compassado que atravessa a maior parte dos estados brasileiros.

A capa

Nas primeiras chuvas depois do verão eu estrei minha gabardine comprada em brechó inglês, própria para uma doutoranda, pensei me exibindo no espelho. No ônibus fui alvo de muitos olhares e ao entrar na sala de aula, outros apontavam algo estranho, mas sobrevivi aos elogios e ironias. No segundo dia, a chuva continuava insistente e os colegas já brincaram com meu exagero e reparei que apenas eu usava capa de

chuva na ECO. Logo foi abandonada e fui deduzindo que os cariocas fazem de conta que não está chovendo, afinal a chuva é eventual e refrescante e o sol é deles e está logo ali. Com certeza uma gabardine era excessiva, assustadora e informava sobre a chuva, mesmo sendo uma proteção trivial para habitantes do sul chuvoso.

O carnaval

E nos intervalos da produção da tese o carnaval teve espaço garantido. Um privilégio experimentar a fantasia, decorar a música, rebolar na pista para desfilarmos e fazer bonito na escola de samba Império Serrano. Magia foi entrar fantasiada no ônibus, chegar e encontrar o grupo, cantar o samba enredo, esperar os tambores, atravessar o Sambódromo e chorar. De repente chegamos ao fim e somos retirados com pressa e magia some no andar jogado no lixo, na maquiagem que escorre, na fantasia colada de suor. O jeito era entrar no ônibus, continuar cantando, enquanto amanhecia e muitos sorriam para nós, arrumados para trabalhar. Experiência única de poder, visibilidade e alegria por 75 minutos no longo ritual desde a escolha da ala e fantasia até a divulgação das notas. Sem dúvida um objeto privilegiado para textos políticos, antropológicos, sociológicos, psicanalíticos e poéticos, mesmo que a escola tenha sido rebaixada.

O táxi

Sem ter existido o acidente, a história aconteceu

entre o Shopping RioSul e a Atlântida com Figueiredo Magalhães e foi transformada em miniconto intitulado *Modo de Andar*, publicado no meu livro de contos *Na Língua Delas* (2018):

(Na chuva não tinha escolha e embarcou no táxi caindo aos pedaços com o motorista sujo cheirando a álcool. Prevendo a bronca quando falasse o endereço, tão perto, resolveu ser simpática e mentiu ao perguntar quem era o cantor esganiçado no rádio! Num muxoxo ele respondeu Roberto Carlos. Ajeitando sua bunda farta, com medo da imperícia, ela se fez surpresa, apenas não o reconheceu na música nova! Então depois de passar a mão no para-brisa e antes do acidente, ele se virou com sorriso e palito na boca, olhou-a detidamente e disse como poderia não conhecer a música feita para as gordinhas?)

A perseguição

Sexta-feira de manhã, na primeira hora, a aula sobre discurso. Festa na madrugada da quinta e o inevitável atraso da ressaca. O trajeto de ônibus era rápido, mas naquele dia, o motorista dirigia com excessiva velocidade, freadas bruscas e ultrapassagens. Sua aparência era de muito cansaço e, nervoso, atirava xingamentos pela janela. Lindinalva e eu nos apoiávamos para não cair, no ônibus lotado, mas ao redor todos estavam quietos e até riam do motorista. Ao contrário do que todos pensam os cariocas não são beligerantes (como os gaúchos) e descobri todas as vezes que, em ônibus, tentava proteger alguém ou

² Baldi, P. et Moeschler, J. (1979) Comment Contrôler le discours: interaction et rééfaction dans le débat Giscard e Mitterrand (1974)

reclamar. Como no dia em que a porta foi fechada e o homem prensado. Embora não estivesse machucado, a cena era terrível e lá fui eu até o motorista contar da situação. Abriu a porta e todos comemoraram. Voltando àquela sexta: num determinado momento, houve uma freada e uma guinada forte e todos foram atirados para frente e alguns se machucaram e reclamaram. Nova freada e chegamos à parada da ECO. Apertadas no corpo a corpo, chegamos à saída e eu dedeei em riste, parei ao seu lado e reclamei porque aquilo não era jeito de dirigir; as pessoas poderiam se machucar; ele poderia causar um acidente, e ... que ele deveria se cuidar. Vermelho de raiva perguntou aso berros "cuidar por quê? Eu disse o óbvio: porque o senhor dirige de modo violento. Desci do ônibus enquanto ele me chamou de volta e eu voltei. Parei na escada e repeti "que ele cuidasse dele e dos passageiros" e ele esbravejava "por quê?". Lindinalva, com razão e com medo, me puxou e saímos enquanto ele e os passageiros atrasados nos ofendiam. Entre o ônibus e o muro que ia até o portão da escola havia um espaço estreito e tivemos que correr porque o motorista nos chamava e buzina e o lado direito do ônibus já estava sobre a estreita calçada. A sensação era de que seríamos esmagadas, mas finalmente entramos pelo portão da ECO e o ônibus com seu motorista transtornado ficou ali atravessado. Entramos atrasadas, ofegantes e amedrontadas demais para não sermos notadas e o professor irritado quis saber o que havia acontecido. Contamos e a aula foi sobre discurso, culturas e imaginários. Que loucura! Ele

estava com medo, disse o professor calmamente e você gaúcha brava esqueceu que está no Rio e é sexta-feira, portanto: ele poderia pensar que você é uma mãe de santo vendo um acidente adiante; que você conhece o marido da amante dele; que você conhece o cara para quem ele deve; que você trabalha na empresa e descobriu que ele estava drogado, e assim por diante. Foi meu último fiasco gaúcho, afinal eu estava no Rio e as pessoas não brigam com os motoristas de ônibus. E se estivesse armado?

O café

E o professor francês Jean Baudrillard veio dar um curso. Chegou atrasado e todos nós fizemos de conta que não víamos seu terno cheio de areia e o suor do seu rosto ampliando o odor desagradável que o acompanhava. Nada disso atrapalhava a sua fala e as provocações que fazia sobre o estranho mundo que nos cercava. Abriu parênteses para dizer de um modo muito bonito, que nós brasileiros tínhamos o olhar habituado à beleza porque o Brasil e os brasileiros eram bonitos e de natureza exuberante, por isto nossa música, cinema e televisão tinham essa estética. Eu o ouvia, fascinada, entre ele e a mesa com água e café. Estava tomando água e pediu um cafezinho. Prontamente, preparei a xícara e coloquei o café com pouco açúcar e antes que ele a pegasse derramei o café sobre seu casaco (que não tirara apesar do calor). Colegas socorristas se mobilizaram com lenços que ele agradeceu, pediu outro que alguém já estava

preparando porque eu não era confiável enquanto ele continuava a falar como se nada tivesse acontecido. Morta de vergonha, ao final, fui desculpar-me e ele apenas sorriu.

O poder

Por algum motivo, nunca consegui agradar à poderosa secretaria do programa movida a reverências e agradados, mesmo que cínicos. Não estava acostumada a isso e tudo que eu solicitava demorava, mesmo que eu agisse com o máximo de cautela e educação. Foi assim quando me informou que para obter prorrogação de prazo de defesa da tese eu precisava levar o copião e acertar com a direção. Insinuava consequências caso eu enviasse apenas a cópia. Não adiantou argumentar sobre a dificuldade e o valor da passagem e fui. Ficou surpresa ao me ver e ao chegar à sua mesa ouvi que não havia necessidade de eu ter ido pessoalmente; eu entendera mal porque estava brincando e convidou para um cafezinho. Naquele momento, todos os maragatos vieram à tona e gritei com ela por desrespeitar uma servidora federal igual a ela e queria falar com o diretor como ela dissera. Os colegas da secretaria assistiram à cena assustados enquanto ela me dizia que o diretor viajara. Joguei o copião e fui embora. Talvez eu tenha acreditado na convocação dela por estar com saudades do Rio. Logo recebi a informação que a prorrogação fora aceita e, no devido tempo acertadas as datas, hora e local da defesa da tese intitulada *Consumo de paixões e poderes nacionais (hibridação e*

permanência em espetáculos político-mediáticos). Integravam a minha honrosa banca examinadora, o orientador Antônio Fausto Neto, Afonso de Albuquerque, Carlos Alberto Messeder Pereira, Márcio Tavares D'Amaral e Regina Andrade. Chovia muito, naquela manhã e nos encontramos na ECO, mas a secretaria estava fechada, a sala designada também, não havia funcionários e nem chave que chegou algum tempo depois do ultimato da Regina àquela secretária. Teríamos mais uma surpresa depois de abri a sala suja e desarrumada, mas nada me abalaria, pois eu estava feliz com a tese e a turma de amigos (alguns vieram de longe) e colegas empenhados em deixar a sala adequada à defesa de uma tese de doutorado. Tentavam me tranquilizar, mas eu ria da situação. Foram arguições excepcionais e mais uma aprendizagem sobre o poder.

A Música

No meu período carioca, a música se tornou tão fascinante quanto a cidade que me dominava. Definitivamente, o alimento para a alma. Convivia assiduamente com a amiga Halina Grynberg e o amigo Paulo Moura, músico esplendido e com eles ia a todos os compromissos artísticos, fascinada e agradecida. Ganhei, assim, o merecido apelido de Bolsinha. Conheci músicos fantásticos, frequentei shows e festas lindas e deveria ter estudado música em vez de comunicação política pensava. A música e o Rio são quase sinônimos e lembro uma madrugada de verão, pós-réveillon, em papo e cerveja com a família,

porque o calor inclemente provocava nossa insônia, quando pensamos ouvir Tim Maia. Corremos à janela e lá estava ele num dos palcos ainda montados nas areias de Copacabana cantando de braços abertos para o mar. Da janela aplaudíamos e cantávamos juntos e muitas janelas serviram de audiência para ele, naquela noite, com direito a assovios e palmas. Eram 3 horas da manhã, ninguém reclamava porque estávamos no Rio de Janeiro.

Porto Alegre, 25 de outubro de 2023.

A implantação do Programa de Ações Afirmativas

Micael Herschmann¹

Não pode existir diálogos ou teorias sobre a decolonialidade sem a presença de práticas decoloniais (Cusicanqui, 2012, p. 100)

Tendo ingressado como docente na ECO em meados dos anos de 1990 e tendo feito toda a minha formação pós-graduada no PPGCOM, a pedido do comitê editorial desta revista, comento aqui brevemente neste texto memorialístico que tive a honra – em duas oportunidades – de ser o coordenador geral do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ (nos períodos de 2007 a 2009 e, posteriormente, de 2017 a 2019): foram experiências muito gratificantes em que estive à frente de um das instituições acadêmicas mais prestigiadas do campo da comunicação do país, tendo sido inclusive avaliada com a nota máxima pela CAPES em 2017.

¹ É pesquisador 1 C (com bolsa de Produtividade em Pesquisa) do CNPq, líder do Núcleo de Estudos e Projetos em Comunicação da ECO/UFRJ e é Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Se, por um lado, é relevante sublinhar que esses dois períodos de gestão foram desgastantes e com grandes desafios: isso ocorreu especialmente em função dos sucessivos cortes de recursos que os governos fizeram na área de Ciência & Tecnologia do país e das várias mudanças sucessivas que foram realizados nas dinâmicas de avaliações quadrienais da Capes junto aos programas de pós-graduação do país (que visavam conduzir a aperfeiçoamentos nos processos de julgamentos e ampliar a visibilidade dos impactos sociais dos programas). Por outro lado, contrabalançando tudo isso, é importante também salientar que não só a grande experiência e alta produtividade do corpo docente do nosso PPG, mas também a qualidade do corpo discente² – todos atuando direta e indiretamente em parceria com a coordenação – foram fundamentais para o grande êxito daqueles dois períodos de gestão, tendo o programa alcançado naquelas ocasiões respectivamente as notas 6 e 7 na avaliação da CAPES. Estes, sem dúvida, foram os resultados mais palpáveis daquele enorme esforço coletivo que conduziu o PPGCOM a um processo intenso de internacionalização e de um posicionamento mais claro como uma das principais lideranças no campo

² É importante sublinhar que, ao longo das últimas décadas, este programa tem podido contar com excelente corpo de funcionários. Faço uma especial menção e reconhecimento aos funcionários Thiago Couto e Jorgina Silva, que em função do seu empenho e dedicação têm sido fundamentais para se superar várias situações adversas enfrentadas nos últimos anos.

da comunicação do país³. Evidentemente, o trabalho não só daqueles professores que participaram daquelas gestões (nas coordenações adjuntas e das linhas de pesquisa de Mídia e Mediações Socioculturais e Tecnologia da Comunicação e Estética), mas também a atuação das direções das gestões que me precederam e sucederam⁴, foram todas basilares e possibilitaram construir esta história ímpar de enorme êxito deste programa (que é um dos mais antigos e tradicionais do país), o qual este ano celebra o seu cinquentenário, esbanjando muita vitalidade.

Além disso, gostaria de comentar que afora as ações de solidariedade – dois Doutorados Interinstitucionais que foram realizadas com grande êxito com os Departamentos de Comunicação da UNICENTRO e da UNIVILLE (duas relevantes universidades do Sul do Brasil) –, sem dúvida a iniciativa que mais me mobilizou e emocionou (na condição de coordenador) foi conseguir realizar a implantação do Programa de Ações Afirmativas no PPGCOM em 2017 (com a primeira turma tendo início em 2018). Na realidade,

³ Gostaria também de salientar que, juntamente com as professoras Victa de Carvalho e Marialva Barbosa – que atuaram também na direção do nosso PPG –, coordenamos a participação do PPGCOM no Programa Institucional de Internacionalização (PRINT) da CAPES (conduzido pela PR-2 no âmbito da UFRJ) que aprofundou e intensificou as iniciativas de internacionalização que já estavam em curso.

⁴ Gostaria de fazer um especial destaque também aos professores Muniz Sodré, Carneiro Leão e Marcio Tavares do Amaral que foram cruciais na fundação do PPGCOM e atuaram como coordenadores do programa em diversas oportunidades. Vale mencionar também os outros docentes que atuaram como coordenadores do nosso programa e que deram uma contribuição fundamental: Ana Paula Ribeiro, Denilson Lopes, Fernanda Bruno, João Freire Filho, Marialva Barbosa, Maurício Lissovsky, Paulo Vaz, Raquel Paiva e Victa de Carvalho.

durante a minha segunda gestão (e com apoio de diversos docentes que generosamente realizaram densos estudos comparativos sobre as dificuldades de implantação deste tipo de programa no Brasil) o PPGCOM deu início ao seu P.A.A. em 18 de maio de 2017 (tendo sido aprovado em colegiado na ECO/UFRJ), visando contemplar especialmente os candidatos optantes negros, indígenas, portadores de deficiência e que se declararem transgêneros. Aliás, vale destacar que o PPGCOM foi o primeiro PPG da UFRJ a dedicar o expressivo percentual de 30% das suas vagas a candidatos cotistas (enquanto a média dos PPGs da UFRJ ainda é de aproximadamente 25%), privilegiando 29% dessas vagas para alunos optantes negros.

De lá para cá constato esperançoso que na UFRJ o sistema de cotas vem finalmente se normalizando no âmbito da pós-graduação. Ao mesmo tempo, no âmbito mais local atesto com grande satisfação a presença mais marcante de diversas minorias no nosso programa, realizando cursos de mestrado e doutorado, muitos deles já com os seus ciclos concluídos.

Ainda que com grandes dificuldades e sem deixar de reconhecer que há muitos desafios espinhosos pela frente, pode-se dizer que nos últimos anos – a despeito do crescimento do conservadorismo e das “necropolíticas” (Mbembe, 2019) no país – temos conseguido dar alguns passos relevantes no PPGCOM e na UFRJ na direção da construção de uma universidade mais decolonial, plural e democrática.

Bibliografia

Cusicanqui, Silvia R. A Reflecion on the Pratices and Discours of Decolonization. In: *South Atlantic Quartely*. New York, n. 111, vol. 1, 2012.

Mbembe, Achilles. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

Afeto e Longevidade

Pablo Laignier¹

É interessante como podemos lançar múltiplos olhares sobre o mesmo lugar. Escrever um texto sobre o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que agora completa 50 anos, é uma tarefa relativamente fácil para quem, como eu, possui uma longa relação com a ECO.

Iniciei meus estudos de graduação no segundo semestre de 1995 e me formei em Jornalismo pela ECO/UFRJ em meados de 1999. Porém, embora já tivesse uma ótima relação com a instituição, foi no PPGCOM que a influência acadêmica da ECO sobre a minha vida tornou-se fundamental.

Se é fácil escrever sobre este tema em geral, escolher um tópico específico para abordar neste breve depoimento não é tarefa tão simples... Há tanto para dizer, mas por onde começar? Assim, escolho abordar a importância da sala de aula, das boas aulas, dos bons professores para a minha vida. A partir da minha experiência no PPGCOM em dois momentos

¹ Doutor em Comunicação e Cultura (2013) pelo PPGCOM/UFRJ, onde também cursou o Mestrado (2002). É professor universitário desde 2004.

distintos, percebo o quanto o professor que me tornei nos últimos 19 anos (desde que exerço a profissão de professor do ensino superior) está diretamente relacionado ao que vivenciei no PPGCOM em minhas duas passagens pelo mesmo.

Pois foi lá que cursei meu Mestrado (2000–2002) e também meu Doutorado (2009–2013). Na época em que cursei a minha graduação, não cheguei a ter aulas com alguns dos nomes mais antigos do PPGCOM. Meu primeiro contato com Emmanuel Carneiro Leão foi na minha Banca de Monografia, em que apresentei um trabalho sobre Comunicação e Música. Já havia lido textos dele e fiquei muito impressionado com o olhar preciso que o mesmo usou para comentar o meu trabalho. Um grande intelectual que teceu comentários de forma simples e direta, com elegância e generosidade.

No Mestrado, tive a oportunidade de cursar disciplinas com Emmanuel Carneiro Leão, Muniz Sodré, Marcio Tavares d'Amaral e tantos outros nomes importantes da Comunicação Social brasileira. Naquele tempo, ainda muito jovem (tinha 22 anos), deleitei-me com tantas aulas e estudos incríveis.

No Doutorado, já mais maduro e lecionando há alguns anos na Graduação em Comunicação Social de outras Instituições de Ensino Superior, fui muito criterioso na escolha das disciplinas e tive a oportunidade de cursar novamente disciplinas com Muniz Sodré (à época meu orientador) e Marcio Tavares d'Amaral, além de outros

nomes que se consolidaram nacionalmente enquanto pesquisadores renomados em suas respectivas temáticas de estudo, tais como: Raquel Paiva, Micael Herschmann, Marialva Barbosa e Ana Paula Goulart Ribeiro.

Durante o meu Doutorado, vi o PPGCOM receber a classificação de Nível 6 da CAPES. Hoje, o PPGCOM é nível 7 (maior classificação possível em Pós-Graduação no Brasil). Admito que tenho grande orgulho de ter sido admitido, neste programa, em primeiro lugar no Mestrado (na extinta Linha de Pesquisa Comunicação e Sistemas Simbólicos) e em segundo lugar no Doutorado (na Linha de Pesquisa Mídia e Mediações Socioculturais).

Mas foram as aulas, durante os dois períodos que cursei o PPGCOM da ECO/UFRJ, que me impactaram como ser humano, cidadão, pesquisador e, principalmente, professor. Tento, na medida do possível, adaptar os elementos fundamentais do ensino e da pesquisa, que aprendi no PPGCOM, à contemporaneidade e às novas práticas e ferramentas de ensino. Certamente, a base do que considero uma boa aula passa por aquele tempo, por aqueles mestres, pelo privilégio de ter estudado em um lugar de excelência acadêmica como o PPGCOM da ECO/UFRJ. Parabéns ao programa pelos seus 50 anos e a todos os envolvidos nesta jornada!!! Desejo longa vida ao programa e aos professores e pesquisadores que dele fazem parte...

A adoção de novos paradigmas

Raquel Paiva¹

Por razões afetivas talvez, Drummond sempre foi um dos meus poetas favoritos. Dentre seus escritos, "Vamos de mãos dadas", também por razão temática, sempre esteve entre meus favoritos. E agora, mesmo que quisesse, não poderia deixar de recorrer à estrofe final: "O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente" para falar desses 50 anos e de sua metade, que me pertence.

Entrei como membro do corpo docente a convite de Emanuel Carneiro Leão, que com Muniz Sodré e Márcio Tavares D'Amaral se revezaram durante 22 anos no gerenciamento do programa, alternando entre si até 2003, quando assumi a coordenação. Fui a primeira a alterar esse ciclo sucessório e não

exatamente por meu desejo ou vontade. Essas coisas que sempre aconteceram na minha vida, quando via, já estava. E talvez por formação, do nada, até hoje, as mais banais tarefas se transformam em missão. Acho que por isso mesmo tudo o que fiz sempre teve essa marca indelével da minha exigência pessoal de total dedicação. Aos outros, sempre a compreensão; a mim, a mais cruel obrigação.

O fato é que, na eleição de 2001, eu fui inserida como vice na chapa do Muniz Sodré, que sofre um infarto e teve que assumir uma postura mais leve em suas tarefas e eu, desavisada do que viria pela frente fui assumindo as tarefas da pós. Certamente uma das obrigações mais duras da minha vida e a que me custou muitos relacionamentos que mesmo hoje, após 20 anos, nunca mais se recompuseram. Afinal seria mais fácil para alguns não interpretar a realidade e os novos rumos que a área da comunicação estava exigindo de todos os programas de pós-graduação.

E assim, Raquel Paiva se tornou ao mesmo tempo membro da primeira diretoria composta por mulheres da Compós e a primeira mulher a ser eleita coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. Minha gestão como coordenadora foi 2003-2004. Hoje, depois de 23 anos, posso dizer, sem ter qualquer receio, de que foi um dos períodos mais difíceis da minha vida, daqueles que a gente guarda no coração e tem que pedir perdão a todas as pessoas queridas ao redor pelas infimas ausências e desatenções. Isto porque nesse

tempo só existia para mim a missão de não deixar o Programa cair para o iminente 3 da avaliação da Capes e fazer com que ele recuperasse o lugar de prestígio e proeminência que dividiu ao longo de 25 anos com a ECA-USP.

Foi com emoção, como se diz atualmente. Foi tanto o exaurimento que, ao sair, meu único sentimento era a aposentadoria, que ainda estava bem distante. Eram reuniões infundáveis, intermináveis mesmo, e-mails quase todos os dias e atividades que tomavam todos os meus dias, noites e finais de semana. Eram contas de telefone altíssimas, que nem de longe eram cobertas pela complementação salarial prevista para o cargo. As mudanças foram tantas e tão profundas que envolveram todo o corpo social, o espaço físico não apenas da secretaria, mas das salas do programa e até mesmo da Escola, que ganhou o Espaço Vianinha, onde fiz questão de receber a homenagem da minha Emerência, no mandato da primeira Reitora da UFRJ. Mas o tempo é implacável e no final pouco sobra nas mentes e corações da coletividade.

Talvez eu mesma pudesse listar minhas realizações junto ao programa até mesmo aquelas que vejo ainda hoje sendo adotadas. Haverá certamente aqueles que se lembram do programa antes do novo milênio. Era um outro tempo, eu mesma fui mestranda e doutoranda e foi um período impactante da minha existência, com aulas criativas e pujantes. Com certeza é difícil para qualquer um que viveu o programa no final dos anos 80 e na década de 90 não ter saudade.

¹ É professora Emérita da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisadora sênior da temática de Comunicação Comunitária, Membro e Fundadora do Laboratório de Comunicação Comunitária - LECC.

Entretanto, a área da comunicação no Brasil viria, com os anos 2 mil e a proliferação dos programas de pós-graduação por todo país, viver um período de disputas como nunca se imaginou. Sob a égide de novos paradigmas avaliativos supostamente capazes de definir a pesquisa da área como científica, muitas propostas de pesquisas e autores foram deixadas no caminho.

Mas a Eco soube se reinventar, assumiu a formatação exigida pelos novos tempos, conectou-se fraternalmente a todos os novos parceiros, a todas as instituições, nacionais e internacionais da área da comunicação, estabeleceu pontes e trocas, consolidando a potência da sua cultura diversa dos tempos originais com as novas obrigações. Para mim, na celebração dos 50 anos, o mais importante é ter a certeza de ter cumprido o meu papel com a instituição, reconhecendo que, apesar da condução firme, indispensável naqueles tempos, ter sempre sido uma militante do "pensiero debole" e da defesa incondicional do bem comum.

E no meio do caminho havia a ECO!

Simone Pereira de Sá¹

A pós-graduação da ECO não era uma escolha óbvia para cientistas sociais. Recém graduada em meados dos anos 80, eu via meus colegas do IFICS rumarem para a pós-graduação no Programa de Antropologia do Museu Nacional ou para o IUPERJ. E foi por puro acaso que esbarrei num edital de seleção da Escola de Comunicação da UFRJ e resolvi tentar o mestrado. Eu não conhecia nenhum professor de lá, não tinha nenhuma referência sobre o curso e, por mais que eu revire a memória, não consigo encontrar uma justificativa sobre a decisão.

Ingressei sem projeto de pesquisa, que não era exigido na prova de seleção. E – de novo, por acaso e curiosidade, no primeiro semestre me inscrevi numa disciplina que tratava da relação entre cidade, imaginários urbanos e ficções latino-americanas. Era o primeiro curso oferecido na ECO por Beatriz Jaguaribe. E ali fui apresentada ao debate sobre

modernismos e pós-modernidade, com uma bibliografia atualizadíssima que Bia trazia na bagagem de volta ao Rio após concluir seu doutorado em Stanford. Inspirada por esse curso, construí meu projeto de mestrado em torno do imaginário urbano de Copacabana veiculado na indústria cultural através de revistas, música e literatura. E a querida Bia se tornou a minha orientadora de mestrado, me presenteando com um diálogo incrivelmente generoso e repleto de amizade e entusiasmo pela minha pesquisa.

Equilibrando o mestrado com os primeiros passos profissionais, os anos seguintes foram de descoberta da ECO. E ao final do mestrado, já em busca de um tema para o doutorado, esbarrei com uma foto de Carmen Miranda numa capa da Revista O Cruzeiro que era fonte da pesquisa sobre Copacabana. E deste novo insight veio meu projeto de doutorado, desenvolvido sob orientação de Heloisa Buarque de Hollanda, que resultou na tese sobre a trajetória internacional de pop star de Carmen Miranda.

Foi no doutorado, cursado nos anos 90, que mergulhei mais intensamente no ambiente da ECO, depois de trocar as 40 horas semanais de trabalho por frilas que complementavam minha bolsa. Frequentei os Seminários de MD Magno e fui trabalhar com seu grupo no Colégio Freudiano, em busca de uma "psicanálise do Brasil" onde Joãozinho Trinta, Lelia Gonzalez, Tunga e Carmen Miranda tinham assento. Bati ponto no bar do seu Astério às terças de manhã,

onde Klauze – professor do Dep.de Psicologia– reunia uma multidão de estudantes apaixonadas/os, para tomar um café no copo de plástico. Ali, ingressei no circuito dos cursos e grupos de estudo, afeto e reflexão liderados por Klauze em torno de Foucault, Deleuze, Clement Rosset, Zizek e o que mais adentrasse a seara das "novidades" editoriais em torno da filosofia da diferença e crítica pós-marxista, em tardes/noites de infindáveis conversas com outros colegas da ECO.

Durante o doutorado, também frequentei os inspiradores cursos de Nísia Vilaça, Ieda Tucherman, Muniz Sodré e Heloisa Buarque – que teve como convidados Roberto da Matta e George Yudice; e me interessei pelos debates em torno do surgimento da "cibercultura". E vi o Idea – laboratório de pesquisa idealizado pelos queridos amigos Paulo Vaz, Henrique Antoun, e Mauricio Lissovsky, sob a batuta de Marcio Tavares D'Amaral– florescer e se desdobrar no Ciberidea.

Foi ainda através de um colega da ECO – o Fernando Ribeiro, que partiu tão precocemente – que tomei conhecimento, numa festa, de um edital para professor substituto no curso de Comunicação da UFF. Me inscrevi no último dia, passei e descobri onde eu queria trabalhar o resto da vida. Concluí o doutorado em 1997; me tornei docente concursada da UFF em 1998; e desde então, tenho tido muitas oportunidades de dialogar com os colegas e alunos da ECO em projetos, cursos, congressos, bancas e eventos

¹ Possui Doutorado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Professora Titular da Universidade Federal Fluminense, no curso de Estudos de Mídia e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

diversos. Tenho na ECO alguns grandes amigos e vi alunos se tornarem colegas. Vibrei quando o Programa se tornou o primeiro da área de Comunicação a receber o grau máximo na avaliação da CAPES. E reconheço o privilégio e a sorte de ter estado no lugar certo, na hora certa. Quando a área de Comunicação ainda engatinhava e não tinha tanta certeza de sua vocação como campo. E se abria para um diálogo extremamente rico com o caudal de correntes teóricas que constituíram o pensamento das Ciências Sociais e Humanas. Na ECO eu aprendi a trazer para a mesma mesa o pensamento de Freud, Nietzsche, Deleuze, Foucault, Muniz Sodré, MD Magno e Heloisa Buarque; a discutir literatura latino-americana e teoria pós-moderna; a ler Baudrillard, Virilio, estudos culturais e (pós) marxismo, num tempo em que não havia Google e Wikipedia.

Tudo isso agora já é história. Mas, não sem uma ponta de nostalgia, reviro estas memórias a fim de reconhecer a importância das mestras, mestres e colegas que fazem parte do que me tornei como professora, pesquisadora e pessoa. Obrigada! Vida longa para o Programa da ECO-UFRJ! Axé!

Vivências e Fazeres na Secretaria do PPGCOM

Thiago Couto¹

Após realizar um concurso no longínquo ano de 2008, fui convocado e tomei posse na Universidade Federal do Rio de Janeiro em fevereiro de dois mil e dez. De imediato optei por trabalhar no campus da Praia Vermelha e escolhi a Escola de Comunicação como o local mais adequado para desenvolver minhas tarefas laborais.

Assim que entrei, atuei por um mês no Gabinete da Direção substituindo um servidor de férias. Quando o mesmo retornou, realizei uma breve entrevista com o professor João Freire Filho, Coordenador na época do Programa de Pós Graduação, indo em seguida atuar na Secretaria. E foi aí que tudo de fato começou...

Meu ingresso no PPGCOM foi em substituição ao servidor Arthur Vinicius que sairia dali dentro de um mês. Meu objetivo era aprender o máximo possível das tarefas neste tempo. Jorgina Silva e Marlene Bonfim eram minhas companheiras de setor. Fui super bem recebido por todos!

¹ Assistente Administrativo na Secretaria de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (desde 2010). Especialista em Gestão Pública pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020). Especialista em Treinamento de Força e Musculação pela UGF (2005). Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela UERJ (2005). Pai de um pequeno grande tricolor de cinco anos.

Nesta época o Programa de Pós-Graduação já era um dos maiores do país na área da Comunicação. Candidatos de todo o Brasil inscreviam-se no processo seletivo que era bastante disputado. Rapidamente me familiarizei com todos os processos administrativos e as tarefas a serem cumpridas na Secretaria. Sem dúvidas alguma, a boa relação entre as partes envolvidas foi fundamental para que tudo fluísse da melhor maneira possível. Excetuando um ou outro momento, o clima entre funcionários, professores e discentes sempre foi de muita harmonia e tranquilidade.

Conviver com nomes expoentes da área de Comunicação nunca foi encarado por mim como algo extraordinário. O que mais me encanta e me deixa satisfeito é de ouvir as diferentes histórias do gigante Muniz; é ter a alegria de dividir o mesmo ambiente com a Marialva; escutar os conselhos da maravilhosa Raquel; ouvir as gargalhadas da Suzy, da Victa, da Ana Paula, da Beatriz, da Consuelo e de tantos outros; debater sobre o Fluminense e o futebol com o Eduardo e o Micael; a esportividade do João; toda a elegância e simpatia do Márcio; a simplicidade e educação de todos os professores do Programa que me acolheram tão bem nesta minha segunda casa.

Não poderia deixar de citar o professor Mauricio Lisovsky, figuraça que nos deixou tão cedo! Foi "meu" segundo Coordenador e tinha um jeito absolutamente único de resolver as coisas. Sempre

tranquilo, sorridente e calmo. Executava as tarefas com muita eficiência e sem muito alarde. Fazia o que tinha que ser feito sempre com um sorriso no rosto. Só não gostava quando eu falava que ele era parecido com o Lenine!

Nesses treze anos da minha vivência do PPGCOM: o Programa saiu da nota quatro para o grau máximo na Capes (nota sete); sete também é o número de professores que já passaram pela Coordenação – o que indica que estou ficando velho – e, seguramente, mais de quinhentos alunos se tornaram Mestres ou Doutores em Comunicação.

Com o mesmo entusiasmo do início da minha jornada no serviço público, encaro cada pedido ou solicitação como uma missão, que deve ser realizada com a máxima eficiência possível e da maneira mais eficaz. Sempre digo para os alunos e professores: "meu principal objetivo aqui é facilitar ao máximo a vida de vocês, quanto menos burocracia melhor!"

Não posso terminar este relato sem expressar toda minha gratidão à minha companheira de trabalho, mulher incrível que batalha todos os dias na mesa ao lado à minha: Jorgina Silva! Funcionária exemplar que sempre está apta a resolver qualquer tipo de problema, amiga que fiz nesses anos de UFRJ e espero conviver por muito tempo ainda.



Foto: Jorgina da Silva Costa

O Bambu da Sorte

Victa de Carvalho¹

A coordenação do PPGCOM ECO/UFRJ foi, sem dúvida, a experiência mais desafiadora pela qual passei desde a minha entrada na Universidade. Não foi difícil antever o futuro aflitivo que em pouco tempo nos acercaria após a eleição de Bolsonaro à presidência da República, amenizado apenas pela certeza do apoio dos meus colegas na manutenção da excelência do programa, pelo companheirismo e afeto recebido em todos os momentos.

Logo na primeira semana de trabalho como coordenadora, comprei, no quiosque próximo ao shopping, um lindo bambu da sorte, na esperança de que ele não apenas embelezasse a sala onde eu ficaria a partir de então a maior parte dos meus dias, mas também oferecesse uma ajuda extra no

¹ É professora associada da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura - PPGCOM-ECO/UFRJ. Foi coordenadora da Central de Produção Multimídia da ECO/UFRJ entre 2016 e 2019, e coordenadora do PPGCOM ECO/UFRJ entre 2019 e 2021.

mundo sensível, coisa que os vegetais fazem muito bem. Então, lá estava ele, reinando majestoso sobre a estante de livros da sala da coordenação, recebendo elogios de todos que por ali passavam. Seu tom de verde Floresta trazia vida para a sala, e alegrava silenciosamente o ambiente. Mas essa fortuna durou pouco. Apesar dos olhares admirados e dos louvores recebidos, em menos de quinze dias, mesmo com todos os cuidados, o pobre bambu inexplicavelmente secou. Secou mesmo, todinho, a ponto de parecer um galho ressecado qualquer esquecido num local abandonado. Não sobrou nada daquele maravilhamento inicial. Quem olhasse para aquela planta pensaria que ela tinha passado por maus bocados, sofrido com indiferença e falta de afeto por um longo período, e que dificilmente se recuperaria daquele flagelo. Nos dias que se seguiram, eu não podia deixar de pensar magicamente do quê aquele lindo bambu tinha me salvado, e quais outras intempéries me aguardavam nos próximos meses. Jorgina, Thiago e eu nos preparamos para as adversidades, que não demorariam a chegar. Foram muitos meses de uma política terrorista de desmonte da universidade, de asfixia da pesquisa acadêmica e desprezo às Humanidades. Vivemos cortes de verba, estouros de boiada, dizimação da cultura, perseguição a alunos e professores, pandemia e políticas de morte. Um terrorismo constante, vivido cotidianamente, em pequenas doses, capaz de enfraquecer o mais forte dos combatentes.

Um dia, durante o longuíssimo período de isolamento social que vivemos por conta do descontrole total da pandemia da Covid-19 no país, recebo um telefonema da querida Jorgina para me informar sobre várias questões institucionais, e para dizer que tinha decidido levar o bambu, ou o que sobrou dele, para o jardim da sua própria casa. Quem sabe ali, ao ar livre, perto de outras plantas, ele encontrasse o caminho da sua recuperação. Como todos sabem, o bambu é uma planta forte, de raízes profundas, seus nós marcam os períodos de seu crescimento, e a humildade e a generosidade integram seu simbolismo.

E foi assim que, como o bambu da sorte, nós também sobrevivemos a essa calamidade política, provocada unicamente por um projeto de mundo que descarta a tudo e a todos. Resistimos assombrados. Persistimos com a força que só uma comunidade como a nossa pode compartilhar. Com muito trabalho, solidariedade e cuidados mútuos mantivemos nossos pés fincados na terra. Nós também criamos raízes profundas. Que sorte a nossa.

PPGCOM da ECO UFRJ: a poética do afeto

Zilda Martins ¹

Na obra *O Desentendimento*, Jacques Rancière questiona a política a partir da "partilha do sensível", denominada de "o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas." (Rancière, 2009, p.15). Recupera Aristóteles para quem o cidadão seria aquele presente no fato de governar e de ser governado. Contudo, Rancière se opõe a tal premissa, alegando que há outra forma de partilha precedente, lembrando os que determinam e os que tomam parte. "O animal falante, diz Aristóteles, é um animal político. Mas o escravo [escravizado] se compreende a linguagem, não a possui." (Rancière, 2009, p.16).

¹ Professora substituta da ECO, pesquisadora do LECC, fundadora e coordenadora do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais – GEMS, vinculado ao Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária – LECC. Doutora e Mestre em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM da ECO/UFRJ.

Ora, Rancière vai dizer que a partilha do sensível revela quem pode tomar parte do comum de acordo com aquilo que faz, do tempo e do espaço de exercício do comum. Ou seja, a visibilidade do sujeito depende da atividade que se exerce. "Assim, ter essa ou aquela 'ocupação' define competência ou incompetência para o comum. Delineia o fato de ser ou não visível num espaço comum, dotado de uma palavra comum." (Rancière, 2009, p.16). Na esfera do saber, a disputa concreta e simbólica assume esse jogo do dentro e do fora. O Programa de Pós-graduação da ECO/UFRJ, espaço do comum, é um exemplo de assentar quem pode e quem não pode fazer parte. Dotado de excelência reconhecida, logo, se transforma em sonho de partilha.

Depois de três tentativas frustradas de entrar para o Programa de Pós-graduação da ECO, na quarta, finalmente consegui. O ano era 2008 e eu não podia acreditar. Primeiro, iria fazer parte do melhor Programa de Comunicação do país; depois, teria como orientador nada menos do que o professor Muniz Sodré, um iluminado, um ícone da ECO. Mal entrei e já queria marcar encontros de orientação, ignorando as diversas disciplinas que teria de cursar, como premissa do mestrado, e insumos de fundamentação teórica para a dissertação. Na época, Sodré era presidente da Biblioteca Nacional e lá me recebia, me presenteava com algum livro que supunha eu iria usar no processo de pesquisa. Falávamos sobre tudo: Bahia, candomblé, histórias cotidianas e,

também, sobre a mídia, o discurso acerca das ações afirmativas e cotas raciais, meu tema de estudo.

Poucos minutos de conversa com Sodré eram suficientes para iluminar a mente, tanto no mestrado como, mais tarde, no doutorado. Foram seis anos seguidos de orientação, de pesquisa, de estudos e de muitas aventuras acadêmicas. Com Muniz, a professora Raquel Paiva e os(as) amigos(as) do LECC – Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária, vivi um período de encontros, de partilha de conhecimento, de afeto e de parcerias. Eu não tinha bolsa, mas cumpria todos os pré-requisitos de uma bolsista, como participar de pelo menos dois seminários por ano, publicar em anais de congressos ou em alguma revista científica e capítulos de livros, dar aula como estágio docência ou voluntária. Já no doutorado publiquei um livro autoral, resultado da dissertação de mestrado.

No PPGCom da ECO/UFRJ também participei e organizei eventos, como a "Semana Muniz Sodré", em homenagem aos 70 anos do professor, reunindo, durante sete dias, pesquisadores de diversas partes do Brasil, convidado estrangeiro, personalidades e os fundadores da ECO e do Programa de Pós-graduação, dentre eles, o filósofo Emmanuel Carneiro Leão, Márcio Tavares D'Amaral, Francisco Antonio Doria e o próprio homenageado, Muniz Sodré. O evento contava ainda com exposição, minicursos e performes teatrais e musicais. Eu começava aí a partilha do comum, realizada por meio de um trabalho sensível

que me acompanhou durante toda a pesquisa de doutoramento e seguiu dando vigor à vida.

O PPGCom da ECO me levou à França, onde fiz o doutorado sanduiche e o pós-doutorado, como bolsista do CNPQ e da CAPES, na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), parceira da UFRJ. Além de colaboração e de abertura para um mundo de culturas diferentes, pesquisar sobre relações raciais me fez compreender uma realidade, contraditoriamente diferente, de racismo e de oportunidades. Pap Ndiaye, diz que a França é negra. Ele próprio, pesquisador e historiador social, foi ministro da educação do governo Macron. Ver televisão é poder escolher assistir programas sobre África, feitos por jornalistas africanos. as em que há críticas aos colonizadores, como a denúncia de roubo de objetos de arte de África, alocados em museus europeus.

Particpei de congressos na Espanha, França e Portugal, levando nossa realidade de opressão, de racismo e de uma mídia hegemônica cuja prática é de estereótipo e de invisibilidade do não branco. Se no Brasil, a mídia interdita os sujeitos negros e sujeitas negras, na França, a universidade é fechada às questões raciais. Segundo Ndiaye, "os negros na França são individualmente visíveis, mas são invisíveis enquanto grupo social e objeto de estudo pelos universitários"². (Ndiaye, 2008, p. 21). Sem senso,

² Trad. Autora: "Les Noirs de France sont individuellement visibles, mais ils sont invisibles en tant que groupe social et qu'objet d'étude pour les universitaires". (Ndiaye, Pap, 2008, p. 21)



Encerramento do semestre de atividades no GEMS com debate entre Cida Bento e Muniz Sodré, sob a mediação de Rosangela Malachias. Julho de 2023. Foto: Fábio Caffé (SGCOM/UFRJ).

nem reconhecimento de minorias, a universidade permanece encarcerada no conhecido slogan de que na França não tem pretos nem brancos, tem franceses. Isso não impede que o cotidiano de Paris seja repleto de ambientes de debates e de trocas. No pos-doc, o conceito de negritude, de Aimé Césaire, ampliou minha visão sobre o ser negro e ser potente no saber, na cultura, na política e na resistência.

Essa relação vinculativa no Brasil e na França – nascida no PPGCom da ECO/UFRJ – com integrantes do LECC e agregados, me constitui. Aprendi a pensar no coletivo, a buscar no mundo da vida dos que tomam parte e dos que não tomam parte, porque marcados pelo racismo e pela desigualdade, insumos para um trabalho que deseja interferir no real histórico e ampliar a “partilha do sensível”. Rancière explica que “essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividades que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha” (Rancière, 2009, p. 15).

Após a defesa de tese, em 2015, criei o Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS), vinculado ao LECC, com o objetivo de ler e debater autores negros e autoras negras, do Brasil e do estrangeiro, considerando a ausência de intelectuais negros(as) na grade curricular da época. Fazem parte desse comum estudantes da pós-graduação, da graduação, professores e público em geral interessado na temática. A dinâmica do encontro

mistura o debate da obra do autor ou da autora com a experiência de vida. O resultado é a produção de novas demandas que aparecem em congressos, em artigos e em sala de aula. Se evidencia cada vez mais o desejo de uma pluralidade epistêmica, um alargamento do olhar, como diz Kpoholo (2023), para além da “racionalidade ocidental, que insiste em comprimir a história dos povos africanos – continentais e diaspóricos – nos últimos séculos.” (Kpoholo, 2023, p. 5).

No Brasil, a raiz histórica dos que não partilham o sensível encontra-se naquilo que Sodré (2023) chama de “forma social escravista”. Trata-se de um racismo atravessado pelos efeitos do imaginário de uma elite que se alimenta “da antiga estrutura escravista: Uma verdadeira forma social autonomizada como herança autoritária de práticas patrimoniais das classes dirigentes, uma a mais no rol do clientelismo colonial e imperial, a que aderiu inercialmente a burguesia industrial nativa”. (Sodré, 2023, p.56).

Segundo o autor (2023), o racismo ocupa um lugar no interior e no exterior da formação cultural, atravessando gerações, portanto afeta os processos de produção econômica e de sociabilidade. Cida Bento (2002) observa que no âmbito das relações raciais, seja qual for a instituição, se sindical, pública ou privada, não há diferença argumentativa daquele identificado ideologicamente com a direita, o centro ou a esquerda. “As ilações, a resistência, a omissão aparecem justificadas de modo surpreendentemente

similar, no mais das vezes simplista, denotando uma total falta de reflexão.” (Bento, 2002, p. 2). O ponto em comum desses grupos, afirma a autora (2002), está no insistente argumento de que se trata de problema de classe, de pobreza.

Para Sodré não se pode descartar a classe social como categoria analítica, mas a história “demanda um remanejamento compreensivo, que entendemos como a postura epistemológica e metodológica de inclusão do sensório (toda a dinâmica das afecções ou dos afetos) na tarefa analítica” (Sodré, 2023, p. 50). Assim, o Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais (GEMS/LECC) trabalha para construir no coletivo o reconhecimento de novos saberes, as experiências e narrativas daqueles e daquelas que, uma vez fazendo parte, possam partilhar o sensível e experimentar o afeto. Este, eu vivi e vivo no PPGCom, no LECC, no GEMS. Uma partilha em que não haja distinção entre os que determinam e os que tomam parte. A reconfiguração epistemológica implica a coexistência de saberes, a inclusão de um método compreensivo, afirmativo capaz de perceber a importância da poética do afeto.

Referências

Bento, Maria Aparecida Silva. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. [Tese de doutorado]. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2002

Kpoholo, Sènakpon Fabrice Fidèle. Conhecendo e ensinando a África com Amadou Hampâté Bâ: os movimentos de uma reconexão ancestral africana. ECCOS Revista Científica. DOI: <https://doi.org/10.5585/eccos.n66.25182>. Acesso em: 17/10/2023.

Rancière, Jacques. A Partilha do Sensível: Estética e política. Tradução: Mônica

Costa Netto. São Paulo: ed. EXO experimental Org: Ed. 34, 2009.

Ndiaye, Pap. La condition noir: essai sur une minorité française. Paris, Gallimard, 2008.

Sodré, Muniz. O Fascismo da Cor: Uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis: Vozes, 2023.

Mesa de abertura - 50 anos do PPGCOM/UFRJ

FOTOS © JOYCE ABBADE













Symposium "Em nome do fundador – a memória de Emmanuel Carneiro Leão"

FOTOS ©CÍCERO RABELLO





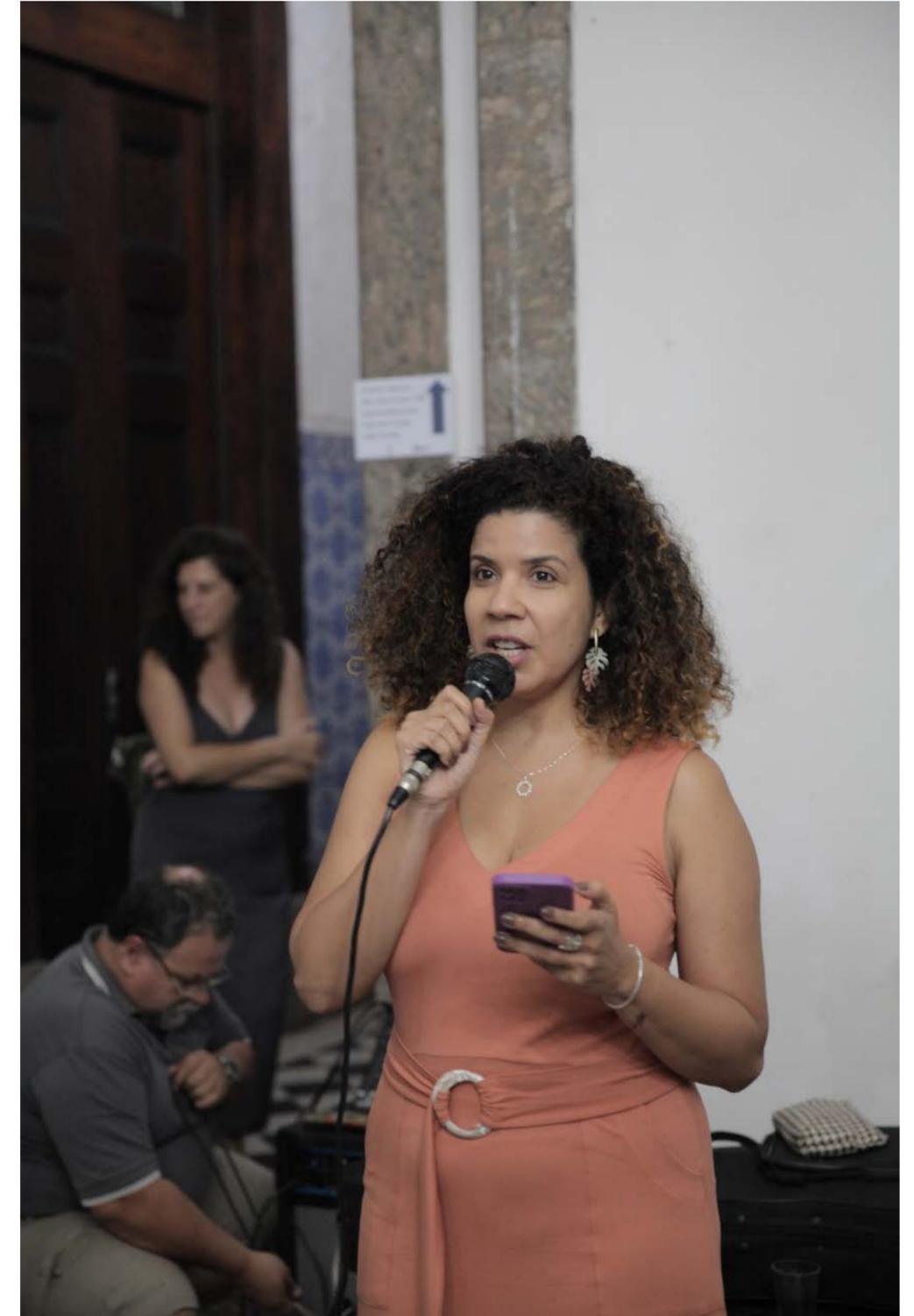






Memória, Imagem e Celebração

FOTOS ©CÍCERO RABELLO











AGRADECIMENTOS ESPECIAIS AO GRUPO DE PESQUISA
FOTOGRAFIA, IMAGEM E PENSAMENTO (FIP)
E AOS TÉCNICOS DA CENTRAL DE PRODUÇÃO MULTIMÍDIA (CPM) DA ECO/UFRJ.

DIAGRAMAÇÃO: PEDRO GIONGO